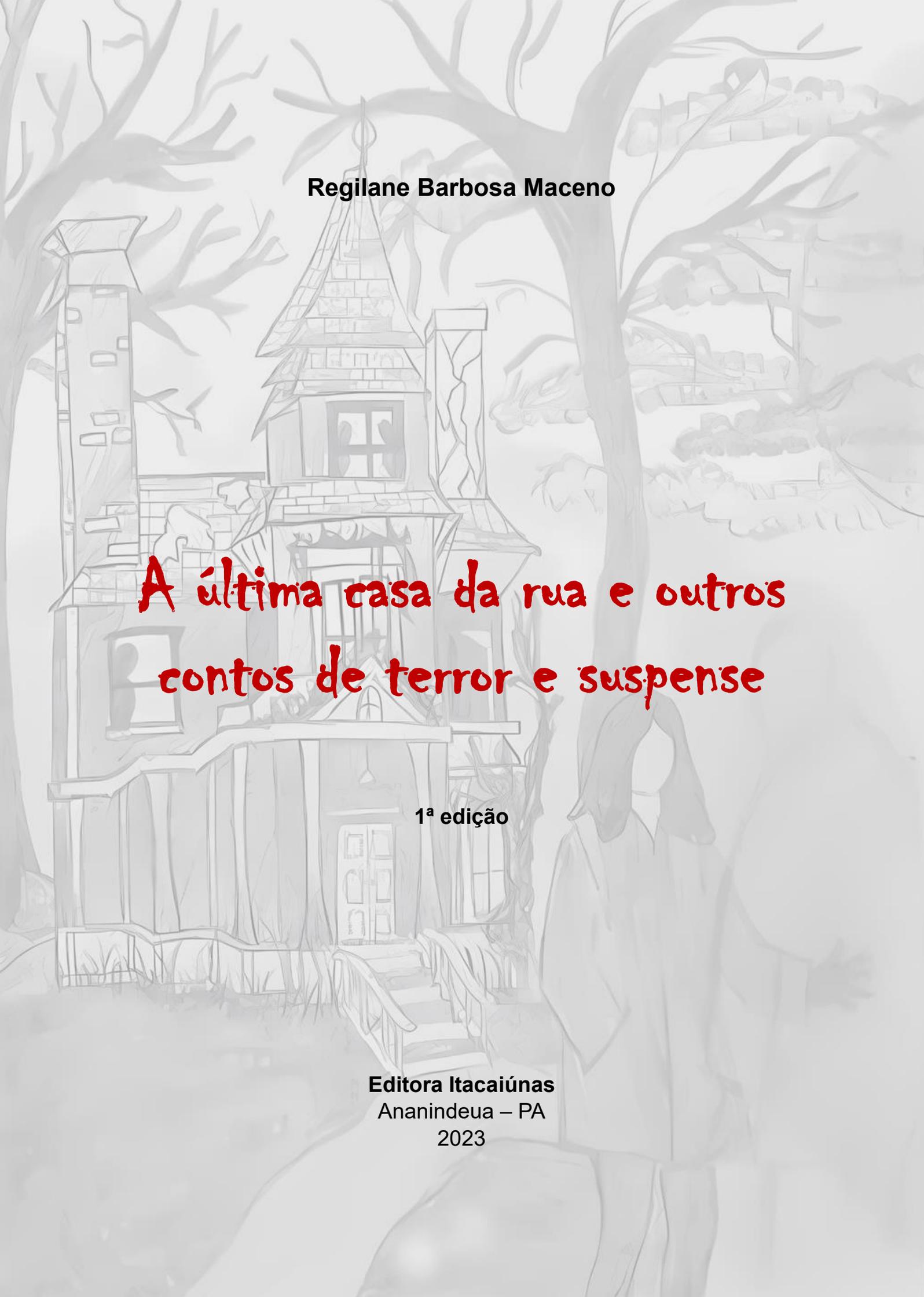


**Regilane Barbosa Maceno
(Organização)**

**A ÚLTIMA CASA DA RUA E
OUTROS CONTOS DE TERROR
E SUSPENSE**



Regilane Barbosa Maceno

**A última casa da rua e outros
contos de terror e suspense**

1ª edição

Editora Itacaiúnas
Ananindeua – PA
2023

"Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido a suas consequências, tais acontecimento me aterrorizaram, torturaram e destruíram. No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror - mas, em muitas pessoas, talvez lhes pareçam menos terríveis que grotescos. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum - uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que percebe, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais."

Edgar Alla Poe

© 2023 por organizadores representantes dos colaboradores
Todos os direitos reservados.

1ª edição

Elaboração/organização

Regilane Barbosa Maceno

E-mail: regilane.maceno@hotmail.com

Desenho da capa

Maria Clara da Silva Lima

Ilustrações

Gabriel Moura Negrão Rezende Oliveira

Letícia Almeida Santos

Aeloá Grazielly Marques de Andrade

Leanderson Ferreira Araújo

Ana Gabrielly Silva Martins

Imagens: de domínio público e dos autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

U47 A última casa da rua e outros contos de terror e suspense [recurso eletrônico] / organizado por Regilane Barbosa Maceno. - Ananindeua: Editora Itacaiúnas, 2023.

68 p.: PDF , 1,0 MB.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-9535-253-7 (Ebook)

1. Literatura brasileira 2. Contos. 3. Terror. I. Título.

CDD B869

CDU 82

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869
2. Literatura 82

E-book publicado no formato PDF (Portable Document Format). Utilize o software [Adobe Reader](#) para uma melhor experiência de navegabilidade nesta obra.

O conteúdo desta obra, inclusive sua revisão ortográfica e gramatical, bem como os dados apresentados, é de responsabilidade de seus participantes, detentores dos Direitos Autorais.

Esta obra foi publicada pela [Editora Itacaiúnas](#) em novembro de 2023.

Equipe técnica:

Regilane Barbosa Maceno
Maria do Espírito Santo de Oliveira Vieira
Giorgia Luciana Lima Castelo Branco
Raquel Mara Alves de Sousa
Hosangella Kerla Shesmann Medeiros Souza
Antônio Jorge dos Santos Filho

Autores

Gabriel Moura Negrão Rezende Oliveira
Letícia Almeida Santos
Maria Vitoria Oliveira Silva
Aila Raissa pereira da Silva
Carlos Eduardo Souza Santiago
Randhara Araújo da Silva
Maria Clara da Silva Lima
Raimundo de Brito Filho
Safirah Danielle Santos Silva
Pedro Henrique Oliveira Silva
Maria Clara Madeira Torres
Ravi Magson Pereira Mota
Aeloá Grazielly Marques de Andrade
Beatriz Soares Silva
Leanderson Ferreira Araújo
Gabriela de Sousa Costa
Francisco Ítalo Silva de Franca
Melissa Gabriely Rocha Gomes
Anderson de Lima Melo

Apresentação

Ser professora não era bem o sonho que eu tinha para a vida. Essa arte, sim, é uma arte, se impôs em minha vida e ficou. Eis que já faz um bom tempo que estou aqui... aprendendo todo dia esse ofício que é professorar. Gratidão me resume.

Ao lado dessa arte que se tornou minha paixão, uma outra se soma e fortalecem-se mutuamente: a literatura. Professorar por meio da literatura é um caminho sem volta. Acreditem, não tem jeito. E há muito tempo tem sido assim, literaturando em sala de aula com gente pequena e grande, em espaços menores e maiores, descobrindo ou costurando mundos – reais ou imaginados – que só a literatura possibilita. Que riqueza!

Esta obra, despretensiosa até, é fruto dessa teimosia quase infantil de nunca duvidar da humanidade. *A literatura humaniza*, preconizava nosso mestre Antonio Candido! E é a realidade. Ler e escrever textos literários enriquece, aproxima e encanta todos aqueles que mergulham na magia dos livros.

A coletânea de contos intitulada ***A última casa da rua e outros contos de terror e suspense*** traz essa proposta de fazer você, Querido leitor, mergulhar nesse universo. Ela surgiu do ***Projeto Ciranda Literária*** que, em 2023, foi desenvolvida com estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental Anos Finais, na Escola Municipal Prefeito Henrique Figueiredo, em Codó, Maranhão. O projeto envolveu ainda as disciplinas de Arte e de Língua Inglesa que, juntas à disciplina de Língua Portuguesa, abordaram o mundo do terror, do mistério e do suspense ao longo de quase três meses.

Portanto, o que você vai ler aqui, Querido leitor, são histórias que envolvem mistério, magia, suspense, romance, terror e até humor, com enredos repletos de personagens inquietantes que jamais serão esquecidos... e que podem estar aí, bem do seu lado.

A coletânea ***A última casa da rua e outros contos de terror e suspense*** é composta por 19 histórias de arrepiar, sorrir, apaixonar e emocionar. Em ***A ilha***, Gabriel Moura conta o que aconteceu numa certa ilha sinistra e nublada. Já Letícia Almeida conheceu a moradora da ***Casa Maldita*** recebida como herança. Que medo!! A Maria Vitória foi muito curiosa e mexeu com ***A rosa do cemitério***... Eita! E a Aila Raissa, que descreveu ***A morte de um sonho***. Quanta imaginação! Já o Carlos Eduardo contou a história de um menino corajoso, quase um detetive, que vai

entrar em muita confusão no texto *O menino e o monstro*. A Randhara Araújo contou o que acontece quando se está à *Meia-noite com Madson Mackey*. Você pode até estar *Assombrada: nunca sozinha*, é o que narra Maria Clara Lima nesse conto cheio de suspense e romance. O Raimundo Brito contou o que acontece quando você visita *A cidade assombrada*. Cuidado! Foi justamente assim, numa cidade, que a Safirah Danielle contou sobre *O desaparecimento da garotinha*. O Pedro Henrique foi corajoso, visitou *A casa mal-assombrada*. Já a Maria Clara Madeira contou sobre *Uma noite sombria* e tenebrosa. É numa noite assim que coisas horríveis podem acontecer, como conta o Ravi Magson no texto *O assassino*. Tenha muito cuidado! *De olho em você* é o texto de Aeloá Grazielly e conta, por meio de muito suspense e terror, a situação da mulher e dos relacionamentos abusivos. Beatriz Soares narra o que acontece quando você é o último morador de uma rua no texto *A última casa da rua*. Leanderson Ferreira encontrou *A boneca amaldiçoada* e algo macabro aconteceu. O que pode ter sido? Em *O acampamento maldito*, Gabriela Costa narra a história de um grupo de adolescentes que adora quebrar regras..., mas algo deu muito errado lá. Em *O mistério continua*, Ítalo Silva traz um menino muito medroso e, ao mesmo tempo, curioso, que vai viver momentos de muita aflição, dividido entre essas duas características que são suas marcas. Com *A rosa do cemitério* não tem como não se emocionar com o terror, o medo e o amor mais profundos e que estão em cada linha desse texto de Melissa Gabrielly. Que lindeza! O leitor será eternamente prisioneiro em *A floresta infinita*, escrito por Anderson Melo, que aborda o quanto nossas decisões intempestivas impactam.

Em cada um dos contos da coletânea *A última casa da rua e outros contos de terror e suspense* encontramos a energia de jovens, pequenos futuros que estão abertos para aprender sobre a vida, sobre o mundo..., mas também jovens que muito têm a ensinar. E nós, professores, aprendemos diariamente com cada um deles a como nos tornar seres humanos melhores.

Que essas tantas histórias imaginadas por eles possam inspirar novas formas de ver o mundo e de refletir sobre nossos medos, nossos desejos, nossas esperanças... nossa existência! Não tenho dúvida, querido leitor, que assim será.

Tenha uma excelente leitura.

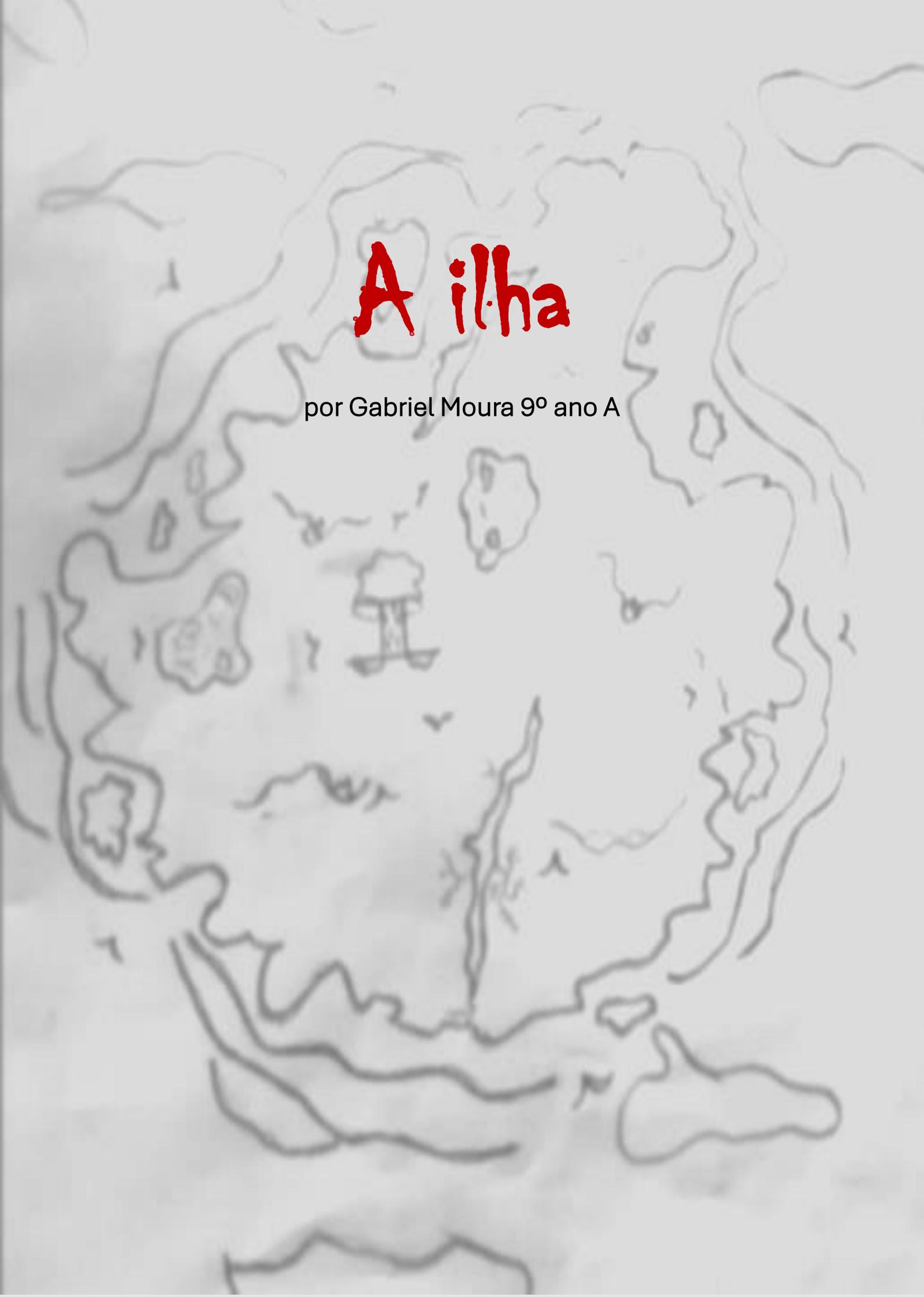
Regilane Barbosa Maceno

SUMÁRIO

A ilha.....	9
Casa maldita	12
A rosa do cemitério.....	15
A morte de um sonho	18
O menino e o monstro	21
Meia-noite com Madison Mackey.....	24
Assombrada: nunca sozinha	28
A cidade assombrada.....	34
O desaparecimento da garotinha	36
A casa mal-assombrada	39
Uma noite sombria	41
O assassino	43
De olho em você	45
A última casa da rua	48
A boneca amaldiçoada	53
Acampamento maldito.....	55
O mistério continua	60
A rosa da morte	62
A floresta infinita.....	65

A ilha

por Gabriel Moura 9º ano A



A ilha é uma terra cheia de mistérios e segredos sombrios que ecoam através dos tempos. Foi assim que Rick, um homem de 38 anos, alto e com um espírito aventureiro soube da existência desse lugar.

Rick era muito corajoso, destemido e estava sempre buscando aventuras que o levassem a seu próprio limite. E isso o tornava muito famoso, enfrentar perigos e sair deles ileso e de situações difíceis em que se metia. Porém, sua coragem inabalável, muitas vezes o colocava em grandes problemas.

Certo dia, ouviu falar da ilha misteriosa, que estava envolta em lendas macabras. Diziam que era um lugar onde criaturas sombrias habitavam e que qualquer pessoa que ousasse entrar em seus domínios nunca mais seria vista. Essa lenda alimentou a ousadia de Rick despertando nele um desejo dominador de dar uma olhada na ilha proibida.

Movido por sua sede de aventura, Rick se desafiou a ir em uma jornada perigosa rumo à tal ilha. Com seu coração pulsando de excitação, ele navegou por mares muito agitados até, finalmente, encontrar a ilha. Ela ficava escondida sob uma neblina densa e muito, muito sinistra.

Ao chegar àquela terra desconhecida, Rick sentiu, pela primeira vez, um frio na espinha. Ele não entendeu aquilo, mas uma atmosfera pesada tomou conta do espaço. Ela sentia como se estivesse sendo observado insistentemente por olhos invisíveis. Mesmo com uma pitada de medo, sua coragem não o abandonou e ele avançou ainda mais determinado a desvendar os segredos sombrios da ilha.

À medida que andava, a floresta parecia ficar mais densa. Os sons sussurrantes começaram a ecoar ao seu redor. Os galhos das árvores pareciam mãos que tentavam agarrá-lo, e suas sombras dançantes confundiam sua visão. Mas Rick não parou de andar, tentando manter a calma, movido pelo desejo de desvendar os mistérios ocultos.

Enquanto explorava, Rick logo se deparou com ruínas antigas. Era um lembrete de uma civilização que já existiu. Mas havia algo macabro nessas ruínas; algo que lançava uma sombra na ilha. Quanto mais Rick avançava por cima dos escombros, ele começou a sentir uma presença maligna em seu entorno, como se estivesse sendo observado mais de perto por entidades desconhecidas. O ar gelado da noite e os sussurros sinistros sussurravam em seus ouvidos, fazendo seu coração bater mais rápido. Era como se a ilha estivesse viva, pulsando, pronta para devorá-lo. Com tudo isso acontecendo, Rick começou a ficar com medo, mas lembrou-se de sua força interior.

Dentro das ruínas, Rick encontrou um artefato antigo, coberto de poeira. Quando limpou parte do pó, viu que o objeto trazia muitos símbolos e enigmas. Era mistério que guardava os segredos mais sombrios da ilha. Quando passou a mão

pelo objeto, uma energia arrepiante se apossou de seu corpo e sua mente foi imundada por visões assustadoras.

Percebendo que havia desafiado os limites do desconhecido, Rick lutou para escapar da influência maligna da ilha. Com toda a sua coragem e força, ele lutou contra forças obscuras, que não entendia.

Uma briga com ninguém visível teve início. Rick se debatia nas paredes das ruínas que ainda permaneciam em pé, como se uma força cavalgar o empurrasse sem dó. Não se sabe como, ele conseguiu escapar desse círculo de energia, pulando no abismo sem volta.

Com sua vida intacta, mas marcado pelas experiências terríveis que viveu, Rick abandonou a ilha, prometendo nunca revelar todos os detalhes sombrios que testemunhou. Sua jornada o transformou, mostrando-lhe uma verdade sombria que poucos ousaram enfrentar

E assim a ilha permaneceu como um enigma, um lugar onde a coragem de Rick foi testada e onde ele viveu os segredos mais obscuros que o mundo temia conhecer. (Fim)



Casa maldita

Por Letícia Almeida, 9º ano A

Eu tinha apenas 20 anos quando mudei para aquela casa maldita que

herdei de um parente distante. No início, eu estava muito feliz, pois tinha acabado de realizar meu sonho de morar sozinha. Porém, mal sabia que tudo iria mudar dramaticamente, tanto que estou aqui, presa nesse lugar, sem entender como ou porque tudo aconteceu daquele jeito, naquela noite.

Tudo transcorria normalmente e a casa, embora tivesse um aspecto de abandono, com uma mobília antiga, me encantava cada vez mais. Eu gostava cada vez mais de morar ali.

Mas, depois de algumas semanas, embora tudo seguisse normal, comecei a sentir que algo estava a me observar. De início, eu não me importei muito com isso, mas fui percebendo que essa sensação ficava cada vez mais frequente, pois o que antes era algo longe, parecia que estava em cada canto daquela casa. Em todos os cômodos, uma presença sentida me observava com obsessão.

Eu não compreendia, nem acreditava... sempre fui muito cética. Também não lhe peço, querido leitor, que acredite no que eu agora conto. Mas, a bem da verdade, é que as coisas evoluíram de tal modo que eu não apenas sentia-me observada, mas passei a ver situações que fogem à compreensão humana. Primeiro, foi o gato da vizinha que apareceu morto, estrangulado em meu jardim, vítima de uma maldade infame que não deu tempo ao bichano de fugir. Depois, sons altos de passos e gritos de profundo terror tomavam conta da casa durante a noite. Isso me inquietava e, estranhamente, não diminuía a minha felicidade de viver naquele lugar, o contrário. Não pensava em ir embora.

Entretanto, com o passar do tempo, fui acometido por pesadelos horripilante. O pior deles aconteceu numa noite em que adormeci lendo Edgar Allan Poe, o mestre das histórias extraordinárias. Não sei se estava adormecida, mas o fato é que havia mais alguém ali, me observando... foi quando senti, juro que senti. Mãos pesadas agarraram meus pés com força, tentando arrastar-me da cama. Tentei olhar o que era, mas aquilo impôs tanta força que cheguei a pensar que iria arrancar meus pés. Não pude fazer nada, além de me contorcer em dor infernal. Com muita luta, consegui fazer a coisa soltar. Porém, o que sucedera foi pior, pois senti que algo pressionava meu pescoço agora. Eu sufocava e o ar já

estava me abandonando. Quando estava perdendo a consciência, fui despertada não pelo quê e consegui sair daquele pesadelo.

Na manhã seguinte, o espelho mostrou-me as marcas da violência em meu pescoço e arranhões em meus tornozelos. Não foi pesadelo?

Desse dia em diante, as coisas pioraram muito, e na mesma medida, meu desejo de permanecer na casa. Os pesadelos noturnos estavam cada vez mais constantes e reais, bem como as consequências, como dores, marcas de ferimentos, objetos quebrados... tudo deixado como cenário real de sonhos perturbadores.

Até que chegou aquele dia, cuja memória teima em me trair. Fui tomada por uma sensação estranha, como se algo ou alguém tivesse tomado posse do meu corpo, da minha mente perturbada. Uma dor demoníaca me invadiu, como se inúmeras lâminas afiadas estivessem entrando em meu corpo. Uma dor insuportável ao ser humano, tanto que desmaiei.

Não sei explicar o que aconteceu enquanto estive inconsciente, nem lhe peço compreensão, caro leitor. Quando voltei aos meus sentidos, vi que aquele monstro havia feito algo aterrorizante, macabro... usando o meu corpo. Eu estava ali, ensanguentada, com uma faca na mão, em pé. Na minha frente, duas crianças jaziam, estranguladas, do mesmo jeito que o gato da vizinha.

Soltei um grito de morte.



A black and white photograph of a cemetery. In the foreground, a single rose is in focus, its stem and leaves clearly visible. The background is a blurred cemetery with various tombstones and a church building with a steeple in the distance.

A rosa do cemitério

Por Maria Vitoria 8º ano C

A

na era a melhor aluna da turma. Sempre respondeu todas as tarefas e perguntas, fazendo tudo que lhes mandavam fazer...tirando sempre as melhores notas. Ela era o orgulho da família.

Um certo dia, sua professora passou um trabalho para fazer em casa. Uma amiga quis fazer em dupla com Ana, mas ela recusou... quis fazer seu trabalho sozinha, como sempre fez. Aliás, isso era muito estranho para seus amigos, que não entendia por que Ana só realizava suas atividades sozinha. Ela disfarçava dizendo que gostava de ficar só e em paz.

Por algum tempo, os amigos aceitaram bem essa explicação, mas começaram a desconfiar. Ana andava muito estranha, com mudanças de humor, alterações no olhar e sorriso maquiavélico. Ana parecia guardar um segredo muito sério. Na verdade, Ana tinha uma estranha mania. Ela gostava de estudar no cemitério.

Certa vez, numa sexta-feira 13, Ana foi estudar no seu lugar preferido, aliás, já não havia outro lugar possível para sua mente. Ao chegar ali, sentou-se no mesmo local de sempre e começou a responder a tarefa...ficou tão concentrada naquilo que não percebeu o tempo passar...

Já eram 5 horas da tarde. Mas o tempo parecia muito mais escuro e um barulho ensurdecido encheu o cemitério inteiro, provocando em Ana um grande susto que lhe trouxe de volta à realidade. Havia se formado uma grande tempestade, mas não chovia...ainda.

Um frio congelante paralisava Ana, que queria ir para casa antes que começasse a chover.

No caminho de volta, a garota viu uma linda rosa, era de um vermelho luminoso, estranhamente bonito e exalava um perfume extraordinário. Mas aquela rosa não estava ali antes, Ana tinha certeza... ou será que não? Mesmo com pressa de ir embora, Ana parecia ser levada para a direção daquela linda e estranha rosa. Aproximou-se cuidadosamente e, com rapidez inexplicável, arrancou a rosa e a levou consigo.

Ao chegar em casa, Ana tomou banho, se alimentou e foi dormir... deixando a rosa num jarro na cabeceira de sua cama.

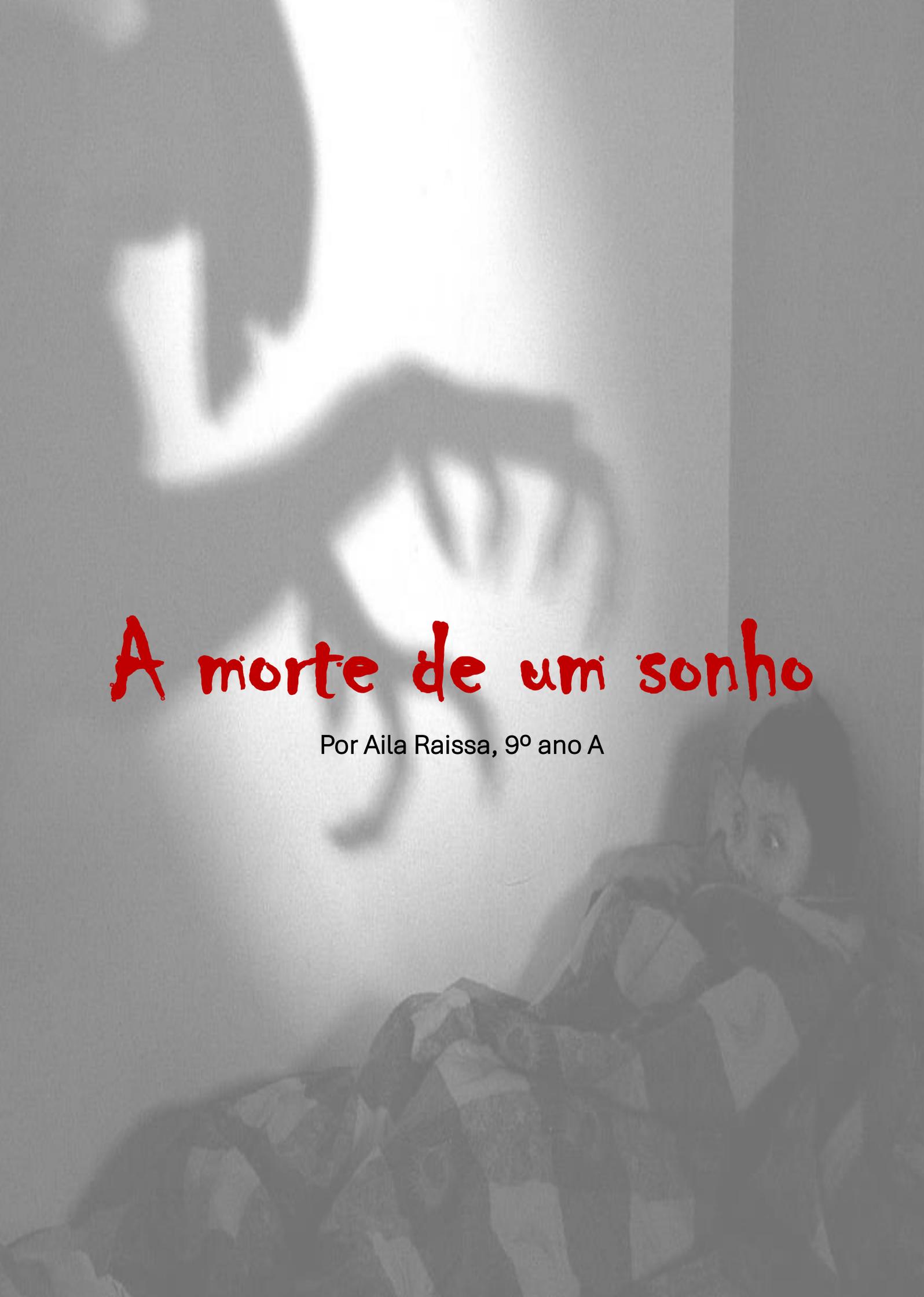
Fora de sua casa, a tempestade caía desde o início da noite. O relógio na parede batia exatamente 3 horas da madrugada. O vento assoprava ferozmente, e o peso dos pingos da chuva no chão pareciam vingar-se da terra, uma vingança secular. Ana foi acordada pelo celular. Ele tocou uma canção que não era a que a menina programou. Ainda sonolenta, Ana viu que era um número desconhecido. Automaticamente, Ana atendeu o telefone. Um medo sobrenatural correu pelo seu



corpo inteiro, deixando-a desesperada de terror. Do outro lado da linha, uma voz cadavérica falou: - DEVOLVA A MINHA ROSA! O telefone desligou de repente. Ana não mais teve paz desde então.

Somente depois de devolver a rosa ao túmulo de onde pegou, conseguiu voltar a viver tranquila.



A black and white photograph of a child sitting up in bed, reading a book. The child is partially covered by a checkered blanket. A large, dark shadow of a hand reaching down from above is cast on the wall behind the child, creating a dramatic and somewhat ominous atmosphere. The lighting is soft, highlighting the child's face and the texture of the blanket.

A morte de um sonho

Por Aila Raissa, 9º ano A

Em uma rua meio deserta, havia uns sons estranhos. Quando eu passei

pela aquela rua, eu senti uma sensação muito estranha, eu não sabia o que realmente estava sentindo... nem o que aquilo significava. Eu só estava com um pressentimento estranho, como se algo me observasse... Eu olhava para um lado e outro, como se fosse guiada por uma força desconcertante. Não espero que você, que ler esse texto agora, acredite no que digo, mas eu via um vulto que não identifiquei, passou muito rápido. Um vento gelado percorreu meu corpo inteiro... isso me deixou com mais medo ainda.

Quando eu olhei para o final da rua, vi silhueta de mulher... não havia contorno nítido, somente aos poucos fui sendo capaz de ver. Sim, eram mesmo uma mulher, uma velha que se aproximava de mim muito ligeiro. Eu tentei fugir daquele lugar, mas minhas pernas não atendiam ao meu comando.

Nesse momento, pude ver claramente... era uma velha, que estava com uma aparência de morta, sua pele estava pálida e enrugada. Meu coração acelerou, e consegui voltar do meio da rua para o começo, correndo muito rápido. O desespero era tanto que, na carreira tão rápida tropecei em uma pedra e caí. Quando eu olhei para trás, aquela figura estranha e pálida, toda enrugada estava em minha frente. Eu paralisei, em choque! O que será que ela queria? Sem consegui resposta, fui observando lentamente que ela estava tirando uma faca de dentro de uma bolsa tão velha quanto ela. E antes que eu conseguisse gritar por socorro, ela cruelmente desce a lâmina afiada da navalha em meu peito:

– Socorro! Acordei gritando. Que sonho estranho! Fiquei aliviada em saber que foi só um pesadelo, mas eu estava em choque.

Na manhã seguinte, ao sair de casa para o trabalho, eu ainda estava com muito medo. Eu não conseguia concentração para fazer as tarefas. Meu pensamento estava em voltar para casa, depois daquele sonho, que não saia da minha lembrança. O relógio antigo na parede anunciou que era hora de ir embora. Já era quase noite... a hora dos anjos. Quando eu coloquei meus pés fora da minha empresa onde eu trabalho, escutei vozes chamando meu nome:

– Isadora... Isadora!!!

Essa voz sussurrando lentamente nos meus ouvidos, que parecia soprada pelo vento. Mas não havia vento ali. Eu olhei para os lados, mas eu não vi nada. Tomei coragem e fui. Já estava anoitecendo, eu estava caminhando rápido para chegar em casa antes de anoitecer completo. Estranhamente, eu senti um peso enorme nas minhas costas, comecei a gritar. Não havia ninguém para me socorrer. Comecei a me arrastar pelo chão lentamente, minha vista já estava embaralhada

por conta de estar quase desmaiando, eu já estava sem fôlego e fraca, não conseguia me levantar e... apaguei.

Não posso dizer se o que aconteceu foi realidade ou sonho, mas eu me via em uma situação muito ruim, estava toda suja de terra. E a mesma velha do sonho passado agora ria de mim, e eu sem entender nada perguntei:

– O que você quer comigo?

Fazendo um silêncio absoluto, ela me respondeu com um sorriso mudo naqueles lábios mortos:

– Seu coração! Quero o seu coração.

Dizendo isso, ela veio rápido para cima de mim, com uma faca... a mesma faca muito afiada. Eu tropecei, ela moveu a faca até mim, mas desta vez desviei. Ao tentar perfurar meu peito, consegui tomar da mão dela e perfurei seu peito. Estranhamente, ela mais ela não estava sangrando... uma risada assombrosa tomou conta de toda a rua... risada de terror!

De repente, eu senti uma pontada no meu peito. Eu já estava sem ar e fraca... não conseguia respirar. Quando eu olho para o meu peito, a faca estava cravada em mim, e eu estava sangrando muito. A velha ria desesperadamente... delirantemente. Aquilo me aterrorizou. Um silêncio amedrontador fez-se repentinamente. A velha já não estava mais ali... eu caí, ferida e perdendo muito sangue. Eu morriiiiiiiiiiii!

Eu acordei em um suspiro, feliz em saber que nada daquilo foi real. Ou será que foi?

A black and white illustration of a child in bed, covered with a blanket, looking towards a large, terrifying monster face on the wall. The monster has glowing eyes and sharp teeth. The scene is set in a bedroom with a bed, a lamp, and a door.

O menino e o monstro

Carlos Eduardo, 9º ano B

Um dia, eu e meus amigos resolvemos ir para um acampamento no meio

da floresta. Após chegarmos lá descobrimos algo terrível, que não sabíamos: aquele lugar era mal-assombrado e muito assustador. Coisas horripilantes aconteciam naquele lugar que agora parecia mais assustador.

Essa descoberta deixou-nos com muito medo. Mesmo assim, resolvemos organizar nossas coisas, pois já escurecia muito rápido e estranhamente. Foi nesse momento que soubemos que ali, misteriosamente, pessoas desapareciam e nunca mais eram encontradas. O que será que estava por trás desse fato? Essas era a pergunta que nos fazíamos, sem trocar palavras.

Já estávamos todos dormindo, quando fomos acordados por gritos desesperados... um relógio antigo, repentinamente, começou a bater acelerado, marcando meia noite. Estava escuro e sem lua... e um vento congelante tomou conta do acampamento. O grito parecia vim do final do acampamento. Não tivemos coragem de ir lá. O alvoroço foi grande e soubemos que outra pessoa havia desaparecido.

Porém, dessa vez, um dos acampados testemunhou o que aconteceu... paralisado com a visão, ele não conseguia balbuciar palavras. Todo que conseguia dizer não tinha sentido. Mas eu consegui entender. Ele disse: - Era um monstro muito grande, feio e cheio de dentes pelo corpo todo.

Quando traduzi o que aos meus amigos o que ele estava tentando nos dizer, nosso medo crescia tanto quando o mistério daquela figura estranha. Mas o pior estava a caminho. O acampado contou, já reestabelecido do terror, que a criatura arrancou a cabeça da pessoa e a comeu, levando o resto do corpo sem vida para longe... longe de sua visão.

Na noite seguinte, a situação se repetiu. Mas dessa vez, ficamos alertas. Resolvemos enfrentar a criatura assassina e esclarecer o sumiço de tanta gente. Cada um pegou uma arma e ficamos à espera do monstro.

Mas algo inesperado é muito estranho aconteceu. O homem que cuidava do acampamento sumiu... dessa vez, o silêncio dominava todo aquele lugar. Nem mesmo o vento dava sinais de estivesse ali. Um silêncio paralisante. O que aquilo queria dizer-nos?

Sabíamos que a criatura monstruosa voltaria para pegar mais alguém. Quem seria o próximo? Isso nos deixava trêmulos de medo.

Não sei o que aconteceu comigo, mas fui tomado por uma coragem sobrenatural que não sei explicar, nem espero que você acredite. Eu mesmo duvido daquilo. Tomei em minhas mãos a arma que me deram e fui. Era meia noite. O relógio antigo novamente batia acelerado. Eu estava frente à frente com aquele monstro. Eu tinha certeza de que ele me atacaria... eu seria o próximo?

Depois de olhar no fundo dos meus olhos, com um olhar misterioso, o monstro correu para o fundo da floresta em que ficava o acampamento. Não sei por

que, mas segui a criatura pela mata escura e densa. Novamente frente a frente, fui me aproximando dele, destemido. Arma em punho.

De repente, estranhamente, a criatura se curvou diante de mim, dizendo que eu era o seu dono. Uma amizade surgiu ali, nos tornamos amigos. Pedi-lhe que não matasse mais ninguém porque eu lhe daria comida.

Após alguns dias, era lua cheia... tudo parecia calmo no acampamento. Tudo se repetiu. O mesmo grito de desespero, o mesmo vento frio, o mesmo cuco acelerado... meia noite.

E mais uma pessoa havia sumido. Dessa vez foi meu amigo Davi. Eu tinha que me vingar. Davi era meu amigo preferido. E fui atrás do monstro assassino. Movido por uma raiva sobrenatural, matei a criatura. Nunca mais ela iria matar ninguém nem fazer mal ao mundo.





Meia-noite com Madison Mackey

Por Randhara Araújo, 9º ano A

Era tudo muito assustador. Desde o sangue sob o tapete branco até ao

corpo pendurado de cabeça pra baixo firmemente em uma das madeiras que havia no teto do cômodo. O rosto estava posicionado em direção contrária da minha, o que me causava inquietação. Poderia ser qualquer pessoa. O líquido carmesim escorrendo lentamente dos calcanhares e indo em direção às pernas que, seguindo essa lógica, dava acesso a todo resto do corpo me fez perceber um enorme hematoma posto na retaguarda da coxa direita.

Aparentemente havia infeccionado, visto que a secreção de coloração amarelada traçada com uma excessiva quantidade de sangue denunciava isso, uma luta travada entre as células de defesa e as possíveis bactérias. Senti como se estivesse prestes a entrar em uma crise existencial. Tinha muito o que raciocinar. Sangue, secreções, um cadáver. Mas tive de deixar para analisar isso outra hora, havia que pensar rápido.

Peguei o telefone no bolso esquerdo do meu jeans, sem tirar a visão do corpo. Com as mãos trêmulas disquei o número que, em uma situação como essas, é a uma das únicas opções plausíveis. Voltei três passos para trás até finalmente sentir a cama bater nas minhas panturrilhas.

Me mantive sentada em posição de defensiva, com os braços em volta do corpo e os joelhos dobrados enquanto esperava uma reciprocidade do outro lado da linha. Mas nunca tirava os olhos daquele resto de carne e sangue. Exato, resto. Pois os pés, que aos poucos entravam em decomposição, nem ao menos poderiam se consideráveis saudáveis, e sinceramente, uma amputação não salvaria aquilo, não mesmo.

A forma em que a corda apertava os pés despertou uma imaginação intrusa e angustiante em mim. Quem poderia ter feito isso? Engoli em seco. - Isso se tratava de algum tipo de brincadeira? – uma voz masculina ecoou em alto e bom som dentre as quatro paredes. Talvez Adam, o meu vizinho, não estivesse com o som lá nas alturas, como pensei. Por milésimos de segundos, coloquei a atenção na tela do telefone e voltei a raciocinar. Havia passado exatamente cinco minutos desde que haviam atendido.

- Preciso de ajuda – sussurrei, e em seguida, voltei a atenção para o corpo. – Tem um corpo, há um corpo dentro do meu quarto. Senti as lágrimas descerem involuntariamente.

- Certo, peço que se acalme – advertiu. – Seu nome, por favor – completou pacientemente, como se ouvir aquele tipo de relato fosse algo comum. Mas bem, ele era um policial. O que eu esperava? Uma frase de reconforto? Com certeza não seria um cidadão fardado de Nova Iorque a fazer isso.

Um barulho de vidro estilhaçando há alguns metros me fez desviar tais pensamentos e a atenção no telefone. Meus olhos congelaram no que agora estava sendo refletido neles. Ao lado do corpo, uma criatura sem rosto, como se estivesse acabado de sair de uma fábrica de brinquedos que, infelizmente, não souberam ter criatividade o suficiente para desenhar um rosto descente.

Prestando mais atenção, percebi que, na mão esquerda, não havia dedos, somente uma enorme tesoura implantada no tronco. Por outro lado, na direita, havia hematomas do que eu deduzi ser queimaduras do 3º grau. Eu poderia ter gritado, mas não. Somente observei o que estivesse a vim.

– Alô? – ouvi a voz grave do outro lado da linha. – Por favor, peço que responda! – O que antes parecia ser um tom suave e paciente, agora se tornou o antônimo disso. Continuei me mantendo em silêncio, sem responder o policial na linha, somente quieta como a garotinha de cinco anos que costumava ser a presenciar diretamente os pais entre violências verbais e físicas.

Mais uma vez eu tinha de segurar as lágrimas, ou ao menos tentar. Ao contrário, eu seria o que mamãe costumava dizer, "uma garota fraca e sensível". Senti meu coração acelerar, as mãos tremerem involuntariamente. Eu nunca controlava aquilo, nunca!

O corpo, a centímetros da cama, ficava mais e mais desgastado e horrendo. Marcas de unhas que há alguns minutos não tinha ali, agora ocupada grande parte das costas nua. Um misto de adrenalina e angústia começou a se espalhar muito rápido por toda minha pele.

Procurei forças e desci da cama lentamente, mas sem dar passos à frente, somente parada encarando tanto a criatura quanto o cadáver. “Fique calma, já havia acontecido coisas assim antes, se lembra?”. Tentei reconfortar a minha mente enquanto vi a criatura sem rosto começar a deformar e derreter.

O odor de borracha queimada abraçou o cômodo rapidamente enquanto a fumaça se espalhava entre as quatro paredes. Antes que eu pudesse correr, a minha visão ficou turva, havia faltado energia. Uma onda de calor indecifrável passou a abrigar ali. Não saberia explicar se o motivo era saber que estou sem energia ou ainda ter um cadáver a alguns passos de mim.

Comecei a caminhar cuidadosamente de um lado para o outro, procurando as chaves da minha suíte. Apesar de não conseguir enxergar absolutamente nada, eu ainda não sabia onde ficava cada objeto e cômodos dali. Segui dois passos à esquerda, o que acreditava dá acesso a minha estante de livros. Passei as mãos sob a superfície do cômodo enquanto o sino da igreja que não ficava tão longe soava incontrolavelmente.

A consciência de que, a qualquer momento, eu poderia esbarrar no corpo ou na borracha queimada sob o solo do meu quarto era agonizante. Engoli em seco

quando senti um pequeno objeto de alumínio gélido sob meus dedos, bingo! Encontrei a chave.

Segui quatro passos à frente, até onde deveria ser a porta do box. Seguindo a lógica, o corpo estava há centímetros ao lado, o que me causava calafrios. Estranhamente, o odor do cadáver não estava mais presente, e aquilo era estupidamente sem lógica. Pare, Madison. Não há tempo para brincar de FBI!

– Certo, vamos lá – sussurrei enquanto girava a chave na maçaneta. Em segundos o rangido da porta sendo aberta ecoou um pouco mais alto do que o som ao lado, o som do Adam! - O som dele, em específico, só funciona na tomada – pronunciei como se estivesse acabado de descobrir que o Michael Jackson realmente não havia falecido.

Havia faltado energia somente na minha casa! Engoli em seco. Assim que entrei dentro do cômodo rapidamente o fechei. Comecei a engatinhar até onde eu deduzia ser a banheira. Assim que pressenti o material de Quarrycast bater com a minha testa, adentrei ali. Senti a água gelada ter impacto por toda minha pele. Os músculos relaxarem mesmo que minimamente. A respiração começar a ficar regulada, e um alívio momentâneo. Eu estava temporariamente segura.

O som posto por Adam Jazzi era seguramente auditivo, o que daria acesso a toda vizinhança, mesmo que minimamente. Admiro que a senhora Chloe ainda não tenha ido reclamar, e como eu sei disso? É simples, Adam só tinha respeito por ela e se ele ainda não desligou, é porque a aposentada ainda não foi até ele.

Uma luz forte me tirou dos meus pensamentos. A energia havia voltado. Continue como se estivesse normalmente em um banho. Eu poderia sair às pressas dali, mas já havia feito isso algumas vezes antes, e bem, quer saber o resultado? Fui descrita como uma adulta que somente precisava de algumas seções de terapia.

Mas diferentes das outras vezes, agora parecia tudo muito mais real, mais explícito e aterrorizantemente assustador. Suspirei fundo enquanto ri de nervoso. Mas, por que, ao mesmo tempo, parecia que eu estava mais uma vez sob efeito? As náuseas, o suor insistente por toda pele, a visão turva. Eu me deixei levar mais uma vez? Quem realmente estava me apunhalando? A minha mente, ou a sensação de afogamento?



Assombrada: nunca sozinha

Maria Clara, 9º ano A

"Emma Taylor". Tudo aconteceu quando mudei de cidade após aceitar uma promoção de emprego. Eu só não esperava que a casa para onde eu mudaria era tão longe da cidade e que nela havia tantos segredos obscuros. Seu medo se tornou cada vez maior após presenciar coisas paranormais na casa. Deitada sobre minha cama estava com meu grande livro, que sempre lia diariamente durante as noites. Ele me intrigava tanto quanto seus enigmas indescritíveis e anonimados.

Certo dia, como de costume, eu estava focada na leitura enquanto me dispensava de meus pensamentos intrusos. Minha atenção foi tomada quando escutei um som ensurdecedor que ecoou pelo local, vindo de minha janela nada proporcional.

Meu extenso quarto estava tomado pela escuridão, com apenas a claridade do abajur e da lua que refletia pela janela. Então, rapidamente me levantei da cama, andando até a janela fui surpreendida com uma fria neblina que invadiu meu quarto, deixando meu corpo levemente arrepiado. Olhei atenciosamente enquanto fui tomada pelo medo, ao perceber que o impacto de algo abriu minha janela.

Minha respiração acelerou junto aos meus batimentos cardíacos. Olhei novamente em volta, com esperanças de encontrar algo, mas elas esvaíram-se quando percebi que não havia ninguém além de mim. Minhas mãos tremeram e o pânico tomou conta do meu ser.

Não é a primeira vez que acontece pelo fato de estar morando um pouco afastada. Desde que me mudei para cá, fui alertada de várias maneiras, mas minha teimosia era maior, eu já estava acostumada a viver só. Não porque não tivesse medo, certamente tenho, mas o real motivo por sempre gostar de preservar meu lado pessoal.

Meus desvaneios esvaíram-se quando percebi que ainda estava na janela, imóvel. Desse lugar, só conseguia ver as grandes árvores e galhos distorcidos, cujas sombras formavam uma paisagem macabra ao local. Fechei-a e certifiquei-me de que não abriria com o impacto do vento. Deitei-me na cama, mas fiquei mexida com o que aconteceu, e o nosso demorou a chegar novamente. Não vi quando voltei a dormir, esperando que a noite acabasse.

Meu trabalho se localizava na cidade. Era uma longa jornada até lá, a única coisa que preenchia meu campo de visão eram grandes Pinheiros. Um caminho percorrido por muitas curvas. As folhas secas caídas no chão davam aparência de outono. Meus colegas de trabalho notaram minha falta de descanso ultimamente. Os acontecimentos ocorridos anteriormente estavam só piorando, isso estava me exaustando: o medo, e o pânico, me corroíam por dentro.

Após trabalhar durante dois turnos, voltei para casa. Estava anoitecendo e a única via era uma estrada de terra. Se durante o dia esse local era macabro, a noite

era pior. E isso facilitava as minhas visões paranoias. A única luz predominante no local era a do farol do meu carro.

Ao chegar em minha casa, senti o pelo da minha nuca arrepiar. Notei que todas as luzes da casa estavam ligadas. Meu corpo fica em choque e minhas mãos trêmulas. Ao me aproximar senti uma presença me cercando, olhei em volta e não vi nada. Meu medo só aumentava cada vez mais. Olhei pela janela e me assustei quando vi uma sombra parando na minha frente. Me virei por um segundo e olhei novamente, mas não havia ninguém. Adentrei apressadamente na casa, olhando atenciosamente todos os cômodos na esperança de encontrar algo, subi as escadas quando senti aqueles olhos sob minha pele, vindo de cima da escadaria. Corri até o final do corredor, onde havia uma porta que dava acesso ao sótão, que sempre mantive trancado desde minha mudança.

Não gosto de sótão, ainda mais de casas de antigos proprietários, nunca se sabe o que acontece nas profundezas obscuras de um cômodo isolado. Escutei barulhos horripilantes, vindo, de lá. Ruídos e gritos quase surdos, mas perceptível aos meus ouvidos.

Fiquei horrorizada e trêmula, minha mente estava em conflito entre o medo e a curiosidade, eu queria saber o que tinha atrás daquela porta, mas não sabia o que aconteceria se eu a abrisse.

A falta de ar na atmosfera estava me cercando, segurei a maçaneta da porta, as luzes do corredor começam a piscar, barulhos ecoaram pelo grande e extenso corredor. Me virei para olhar o que causou o som. Vi que um dos quadros tinha caído no chão e cacos vidros se espalharam. Com cuidado, saí correndo em direção ao meu quarto. Adentrei o local com imprudência e me deitei apressada na esperança de estar protegida debaixo do meu lençol.

Acordei em um suspiro, notando que algo me observava. O ponteiro do relógio de parede marcava 3:23. A porta do meu quarto rangeu ao se abrir lentamente por conta própria. notei uma pequena claridade no corredor, olhei atenciosamente por trás da porta. Meus olhos duplicam de tamanho ao me deparar com algo nada comum no chão. Havia uma vela acesa com algumas escrituras no canto da parede feito de sangue que presumi ser de animal. Fiquei em aterrorizada ao ler o maldito recado na parede que dizia: “Sua alma será nossa”.

Ainda em transe, sem entender aquilo, ouvi passos apressados vindo em minha direção e de repente a vela apagou, sem nenhum vento no local. Olhei em volta e saí rapidamente dali, sem olhar para trás. Corri em direção a porta da frente, mas ao tentar abri-la nada aconteceu, ela estava trancada. Lembrei de tê-la trancado mais cedo, e de que tinha deixado as chaves próximas ao cinzeiro da lareira. Rapidamente, segui até lá, suspiro ofegante.

Mas, para minha surpresa ou desespero, percebi que as chaves não estavam mais no lugar. Elas tinham sumido, só restava as chaves do sótão sobre o cinzeiro.

Uma sombra gélida passou por mim, indo em direção ao corredor do segundo andar. Sem pensar duas vezes, eu segui aquilo, que nem sei o que era. Chegando lá, a porta que dava acesso ao sótão estava aberta. Finalmente, tomando coragem, adentrei o local.

O cômodo era sombrio, o ar pesado, havia poeira e cinzas densas, que sufocava. A pouca iluminação impedia a visão exata dos objetos. Mas, vi algumas caixas e quadros com rosto deformados que mais pareciam aberrações do que um ser humano. Em quase todos os quadros tinham datas específicas, pelo fato de serem bem antigos ainda estarem em ótimas condições. Nas caixas, havia vários envelopes com escrituras antigas, as quais não consegui ler, pois o tempo que estiveram guardadas fazia com que a tinta desaparecesse.

De repente, algo se moveu na minha frente, voltei minha atenção, olhando cautelosamente uma parede cheia de escrituras e imagens igualmente antigas. Fiquei aterrorizada só em ver tudo isso... pessoas foram mortas aqui. Gritos estrondosos soaram acima do sótão. Fosse o que fosse que estivesse ali, não esperaria para saber. Saí correndo desesperadamente, desci as escadas com prudência, olhando para trás. Acabei esbarrando em algo grande, me virei e me deparei com um homem a minha frente.

- Me ajuda, por favor, preciso sair daqui o mais rápido possível – disse finalmente.

Minha voz saiu trêmula. Finalmente olhei para o homem, tinha cabelos castanhos com comprimento até o ombro, olhos castanhos escuro, uma pele pálida, mas havia algo de errado, suas vestimentas eram peculiares, não parecem ser desse século.

- Como chegou aqui? Não há ninguém morando por perto além dessa casa. Afinal quem é você? – perguntei. Mas ele não respondeu minhas perguntas.

Aquele olhar macabro em minha direção me deixou paralisada de medo. Foi quando vi... juro que vi: suas pernas sumiram no ar, como uma leve neblina que se desfaz. Ele não estava tocando o chão. O pânico que eu estava sentindo dificultava minha respiração. Minhas pernas fraquejaram... teriam sumido também?

Pensamentos tortos começaram a me dominar: seria esse é meu destino? Morreria nessa maldita casa. Ele estava muito próximo da porta principal, não teria como correr sem ser passar por ele. Mas de repente, ele finalmente disse:

- Não era minha intenção te assustar, e não estou aqui para te matar. Ao contrário, vou te ajudar a sair daqui, mas precisarei de sua ajuda.

Franzi o cenho em demonstração de desconfiança e pavor. Seu rosto pálido e sem expressões me faziam ficar em alerta. – Eu não sei se devo acreditar em suas

palavras, afinal, ele pode ser um deles, das aberrações que querem levar minha alma para as profundezas obscuras – penso.

– Emma, preciso que confie em mim, essa é a única chance que eu tenho de me libertar desta prisão caótica.

Assustei-me com o fato dele saber meu nome. Ele olha para as escadas e aponta algo com o braço esquerdo a indica na direção do maldito sótão.

– Por que precisa da minha ajuda? Não consegui sair daqui sozinho? E como sabe meu nome – pergunto atropelando as palavras.

Ele parece não se importar em me fazer mal ou não.

– Eu morri aqui, você é a única pessoa que pode me ajudar antes que seja tarde. Você não foi a única a morar aqui. Os antigos proprietários a morarem aqui não me ouviram e aconteceu coisas terríveis a eles.

Ele falou atentamente, suas palavras parecem sinceras, mas não posso negar minha desconfiança. – Então você é um fantasma? – indaguei.

– Sim, eu sou um fantasma, mas se me ajudar, as coisas poderão mudar. A propósito me chamo Dylan Walker.

Pegando em seu bolso um objeto pequeno, que parece ser um relógio, ele estava com pressa. Então decido ajudar Dylan.

– O que preciso fazer para te ajudar? Falei, com medo de me meter em mais perigos envolvendo a maldição que existem nessa casa.

- Você precisará entrar no sótão, há um pequeno baú, você precisara destruí-lo para poder me libertar da maldição que foi lançada.

Sua impaciência era perceptível, não sei o que aconteceu com ele, mas tenho certeza de que não foi algo bom.

- Por que você não entra e destrói a caixa você mesmo?

Não estou pronta para entrar lá novamente e encontrar coisas inigualáveis, ou descobrir mais sobre o passado dessa pobre gente que morreu neste local.

- Por mais que eu tente não consigo entrar lá. A ameaça do mal está sempre presente. Podemos contê-la, mas jamais poderemos destruí-la. É um conselho se quer sair viva, porque eu já estou morto – disse ele muito sério e aparentemente preocupado.

Ainda estava escuro fora da casa, e só em pensar em entrar no sótão novamente fez com que minha mente entrasse em colapso. Mas adentrei ao local quase correndo, deixando Dylan para trás. Derrubei os empilhamentos de caixas e comecei a procurar o tal baú. Insetos e poeira por todas as partes dificultavam a respiração e a visão. Revirei tudo, com esperanças de poder ajudá-lo, mas não encontrei nada.

Ele permanecia do lado de fora do cômodo, olhando para seu relógio. Eu sabia que estávamos perdendo bastante tempo, pois sua impaciência aumentava

cada vez mais. Olhei os cantos até que algo fez um barulho. Meu pé afundou na madeira apodrecida do assoalho. Olhei para o estrago que acabara de fazer e vi algo. Me surpreendi quando percebi que é um pequeno baú de porcelana. Dylan confirmou ser aquilo o que procurara por séculos e acenou para a lareira.

Acendi a lareira e, seguida pelo olhar policiado de Dylan, queimei todos os papéis e pertences que tinha no baú. Não quando terminei, percebi Dylan havia desaparecido misteriosamente. Ao mesmo tempo, o mal se enfureceu, a casa estava caindo aos pedaços e as portas ainda estavam bloqueadas, o teto se desmoronou e entulho caíram de cima.

Por um momento pensei que morreria, mas Dylan conseguiu me tirar da casa como prometido. – Eu disse que te ajudaria se me ajudasse. Essa casa prendia meu espírito. Uma maldição que não poderia ser desfeita, mas com sua ajuda me libertei. Agora poderei viver no mundo humano novamente – disse ele.

Os últimos vestígios da casa desfizeram-se. Os espíritos presos a ela finalmente conseguiram sua liberdade. O que aconteceu nesse lugar é algo indesvendável, mas isso é só uma prova de que nunca estaremos seguros. Partimos apressadamente dali. Não é algo tão fácil de superar, e se for difícil o suficiente Dylan estará lá ao meu lado.



A cidade assombrada

Por Raimundo Brito 9º ano B

Há muito tempo, uma cidade pequena guardava um grande mistério. O

sumiço de crianças. Alguns moradores já haviam abandonado o lugar para proteger seus filhos.

Certo dia, alguns jovens decidiram descobrir o que realmente acontecia ali.

Eram dois garotos: um era magro, alto e muito medroso que se chamava Ítalo, o outro era mais baixo, mas mais corajoso era o Regivan, seu grande amigo.

Na investigação, os meninos descobriram que morava lá um coveiro e que as pessoas diziam que ele se alimentava de crianças. Eles descobriram onde era sua moradia e resolveram investigar.

Depois de muito caminhar, os garotos chegaram numa casa que parecia abandonada, pois estava muito suja, com móveis antigos e janelas quebradas pelo tempo. As paredes estavam desbotadas e teias de aranhas cobriam todo o teto. A casa estava vazia, pois o morador, disseram-lhes, saía sempre durante a noite.

Os garotos entraram na casa... de repente, um barulho de osso quebrando debaixo do pé de Regivan. Parecia osso de gente...era osso de gente!

Um pouco à frente, Ítalo topou no que parecia ser um crânio. Regivan subiu uma escada, velha e com alguns degraus quebrados, sem que Ítalo visse. Eles ficaram ali sem pensar nas horas que passaram estranhamente rápidas.

O coveiro chegou quase amanhecendo o dia. Só assim, os garotos perceberam que o dia estava clareando. Ítalo se escondeu, mas o Regivan ainda não percebeu a chegada do dono da casa.

De dentro do baú, onde se escondeu, Ítalo viu o coveiro subir a escada. De repente, ele ouve os gritos desesperados. Eram do Regivan... o coveiro flagrou o garoto e tentou matá-lo.

Sem pensar bem, Ítalo, trêmulo de medo, corre para ajudar o amigo. Mas o coveiro consegue machucá-lo. Regivan conseguiu se salvar e lutou para ajudar Ítalo. Eles conseguiram fugir e tiveram uma ideia para pegar o coveiro. O plano era arriscado, mas talvez fosse a única saída. Regivan atraiu a atenção do coveiro, que o segue em perseguição, caindo na armadilha. Ítalo, que estava escondido, pulou e conseguiu derrubá-lo. Com uma machadinha, os dois mataram aquele homem esquisito.

Foi depois desse episódio que a cidade passou a ser assombrada



O desaparecimento da garotinha

Por Safirah Danielle, 8º ano C

Há muitos mistérios nesse mundo, que a mente humana não

consegue explicar. É assim que podemos imaginar a história que vou contar, que ouvi há muito tempo, de uma garotinha que desapareceu.

Todos os anos, ela e sua família costumavam se reunir numa casa na floresta para fugir da loucura da cidade. Era uma região completamente deserta e só havia um morador numa casa bastante velha, com aspecto de abandono. Seu morador se chamava Dark que vivia completamente sozinho, cercado de mistério.

Certo ano, como todos os outros que se passaram, a família estava na casa, pois tinham vindo aproveitar as férias. Numa animada conversa, começaram a falar sobre o misterioso homem que vivia só. Havia muitas lendas em torno dele. Mas a que mais provocou a curiosidade da garotinha Emma foi a morte de pessoas, embora ela não acreditasse nessas balelas.

Em uma noite, muito escura, pois as árvores não deixavam a luz da lua entrar no quintal, a menina convidou os primos para irem para um passeio, mas sua intenção era descobrir alguma coisa sobre Dark. Os primos foram ao passeio, sem que seus pais soubessem.

Quando estavam bastante distantes da casa, eles começaram a ouvir um barulho muito estranho, de passos leves, porém rápidos. Eles já estavam perto da casa que parecia abandonada em que morava Dark e, de repente, um vento forte e gelado soprou as árvores fazendo-as balançar quase como se estivessem a caminhar. Eles se assustaram e começaram a correr desesperados de volta. Quanto mais corriam e fugiam, mais longe a casa parecia ficar. Foi uma aventura amedrontadora!

Na noite seguinte, a garotinha não desistiu. O acontecimento da noite passada aguçou ainda mais suas ideias. Quem estava correndo atrás de nós?

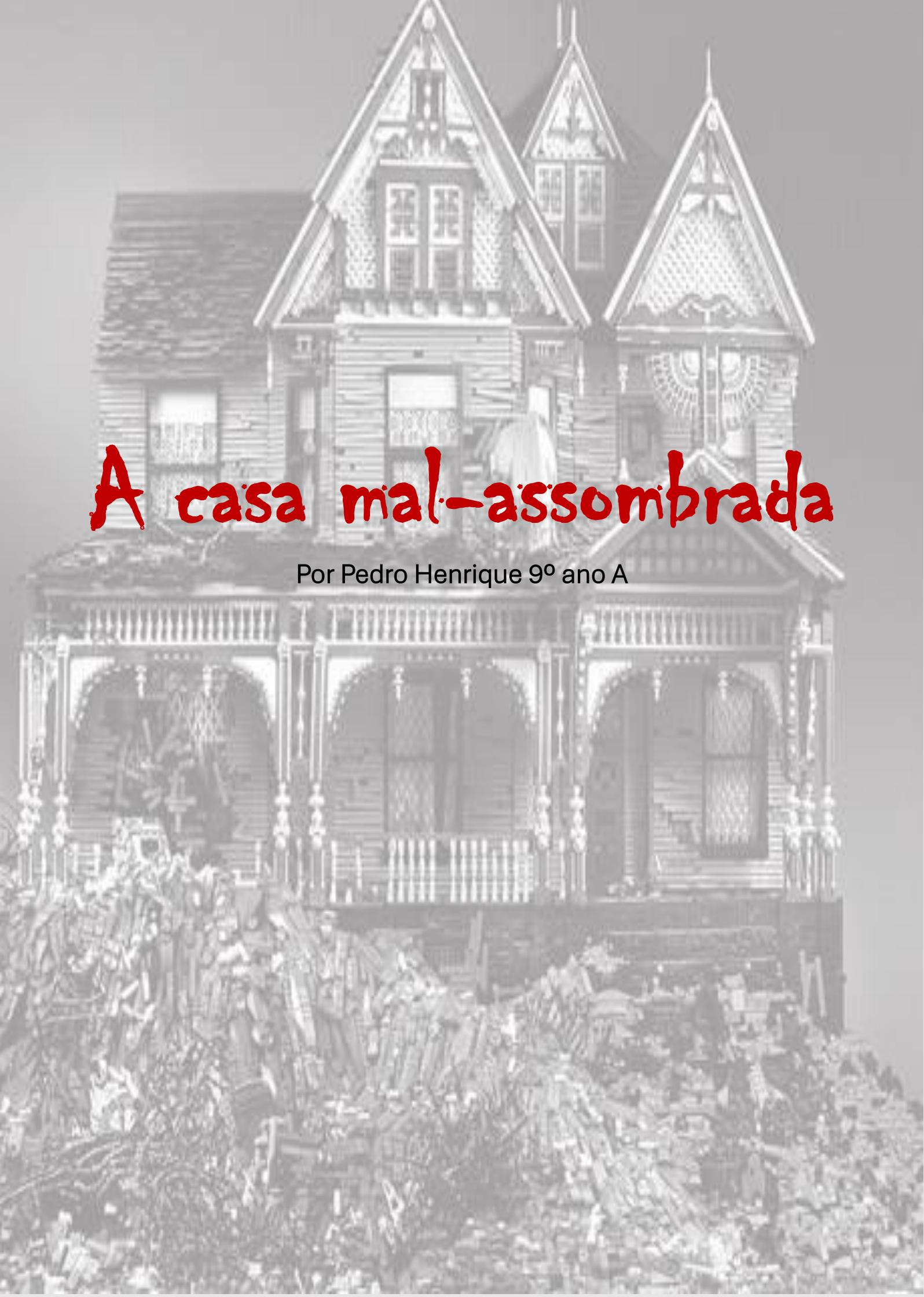
Durante a noite, como de tinha sido sempre, sua família conversava na sala, mas dessa vez cada um seguiu para seus quartos sem muita demora, como se adivinhassem as intenções da garotinha. Ela resolveu que iria lá novamente, mas dessa vez iria sozinha.

Ela seguiu para o quarto, esperando que todos dormissem. E assim que percebeu o silêncio completo da casa, a menina abriu a janela por onde sairia. Mas assim que abriu, viu que havia alguém parado, olhando fixamente para ela. Ele era alto, talvez velho, misterioso e suas características batiam bem com as descrições feitas na reunião da família. Apesar de as árvores

estarem balançando fortemente pelo vento esquisito que fazia, ela conseguiu ver pelas restas da lua.

Quando viu aquilo, se assustou e sufocou um grito para não acordar os primos que ali dormia também. Rapidamente, tentou fechar as janelas, pois já tinha visto o que queria. Porém, Dark foi mais rápido do que ela. E apenas o vento forte parou instantaneamente e as árvores dançantes ficaram imóveis.

Quando amanheceu o dia, a família notou a ausência da garotinha e a procurou desesperadamente por horas, dias, meses e aos. Ninguém nunca soube o que aconteceu.



A casa mal-assombrada

Por Pedro Henrique 9º ano A



família de Felipe mudou-se para uma nova casa, junto com seus

avós – a Paula e Sebastian. A casa era alugada e pertencia a um proprietário. Antes da chegada da família de Felipe, outras pessoas também já haviam morado nela. Contaram os vizinhos que eles eram ruins. Se pedissem alguma coisa a eles, simplesmente batiam a porta na cara do vizinho. Mas toda a família morreu misteriosamente. Nunca ninguém soube o que aconteceu.

Certa noite, Paula acordou com muita sede e foi em direção à cozinha. Acendeu a luz, mas ela começou a piscar muito rápido. Quando Paulo se virou, notou um vulto que vinha do banheiro. Ela seguiu na direção do cômodo e quando abriu a porta, sua vista foi direta no espelho. Algo demoníaco refletia nele...A idosa não aguentou e teve um infarto, após dá um grito que não era humano. Nem Felipe, nem Sebastian viram ou ouviram nada.

Quando o dia amanheceu, Felipe foi ao banheiro. Quando abriu a porta, não segurou o susto e gritou pelo avô. E ficaram ali, olhando o cadáver atentamente. Paula tinha uma expressão de espanto e desespero.

Na primeira noite que os dois dormiram sozinhos, foram acordados pelas panelas que caíam no chão com muita força. Era estranho, pois não havia vento e elas ficaram guardadas dentro dos armários. Para desespero e medo de Felipe e Sebastian, quando iam ver o que estava acontecendo, não havia nada no chão ou fora do lugar.

Porém, a cada dia, esses barulhos ficavam mais fortes e mais perto do quarto onde os dois dormiam. Foi quando Sebastian ligou para o dono do imóvel, que lhe contou a história daquela casa, pedindo desculpas por não ter contado antes. O fato é que aquela casa velha fora construída em cima de cemitério.

Após ouvir toda a história, Felipe e Sebastian viram refletida no espelho da sala aquela criatura horripilante com a mão sobre o ombro do dono do imóvel. A mesma imagem vista pela avó. Um ser maligno, cabeludo e com olhos de fogo. Sebastian não aguentou e infartou. Felipe ficou sozinho, transtornado... e ninguém acreditou na história que ele contou. Foi internado no hospício.

Uma noite sombria

Por Maria Clara Madeira, 8º ano C



Era uma noite sombria e chuvosa. Uma jovem chamada Amélia

caminhada solitária por uma estrada deserta, quando ouviu sussurro arrepiante vindo das árvores. O medo se apoderou dela quando percebeu que estava sendo seguida por uma presença invisível.

Cada passo que dava, o sussurro se tornava mais alto até que, de repente, uma mão gelada agarrou seu ombro. Ela virou-se rapidamente seu coração, batendo descontroladamente. Diante dela uma figura pálida e sinistra emergiu das sombras. Seus olhos vazios brilhavam com uma luz sobrenatural enquanto um sorriso macabro se formava em seus lábios. Amélia tentou fugir, mas suas pernas pareciam pesadas e não obedeciam.

O terror tomou conta dela enquanto a figura se aproximava lentamente, sussurrando palavras arrepiantes. Amélia solto um grito de terror enquanto se virava para encarar a criatura. Para sua surpresa, não havia ninguém além de uma escuridão e silêncio ao seu redor.

Porém, o sussurro persistia junto com uma brisa gelada. Aterrorizada, Amélia correu o mais rápido que pode, desesperada para escapar da presença maligna que assombrava. Mas não importava o quão longe Amélia corresse, o sussurro continuava a persegui-la.

Amélia chegou em casa, trancou todas as portas e janelas, esperando encontrar refúgio. Mas o sussurro persistia, ecoando pelos corredores vazios. Seus passos a levaram até o porão, onde a escuridão era mais densa. Com o coração acelerado, ela desceu as escadas, sentindo uma presença cada vez mais próxima. Quando alcançou o último degrau, uma voz sussurrou no seu ouvido: "Agora você é minha". Amélia tentou dar meia volta, mas quando virou de costa a criatura apareceu em sua frente, arranhando sua garganta até a morte.

O assassino

Por Ravi Magson, 8º ano C





O assassino estava escondido na esquina da rua, esperando sua próxima vítima.

Era um homem alto e encapuzado, com uma máscara preta cobrindo o rosto. Estava parado ali há algum tempo, observando todos que passavam, mas ninguém atendia bem o que ele procurava... talvez nem ele soubesse.

Até que viu vindo aquela que seria seu alvo certo. A presença dela lhe provocou pavor mortal era como se ele soubesse o que estava por vir.

A vítima era uma mulher bonita, de cabelo ruivo, vestida de forma elegante. Ela estava a caminho de casa, depois de uma longa noite de trabalho. Enquanto ela caminhava pela rua, começou a sentir que estava sendo seguida. Ela olhou para trás, mas não viu ninguém. No entanto, se sentia inquieta e, por momento, pensou em voltar, mas, ao mesmo tempo, sentiu que aquela era apenas uma impressão. Então, continuou andando. Ela ouviu o som ou passas atrás dela, um som rápido, acelerando mais e mais. Antes de ter tempo de reagir, um braço lhe envolveu a cintura: era o assassino.





De olho em você

Por Aeloá Grazielly, 9º ano A

A

s cortinas nunca estavam fechadas, sempre entre abertas. Sua pele sob a iluminação da lua cheia era nítida através do vidro. Eu estava do outro lado da rua, vendo-a como todos os dia.

Ela sempre usava o mesmo tipo de roupa para ficar em casa, uma regata branca e short de dormir. Seu cabelo estava lindo, liso meio enrolado. Acho que ela tinha lavado mais cedo. Hoje, ela quase me viu, olhou com uma certeza de que havia alguém ali, mas rapidamente fechou suas cortinas e voltou a fazer o que estava fazendo.

Passei a noite toda esperando-a dormir. Hoje, diferente de todos os dias, ela demorou a dormir, quase desisti, mas minutos depois todas, as luzes se apagaram. Esperei uns 10 minutos para poder entrar, abri a porta da frente e entrei no quarto dela e me sentei ao seu lado, e fiquei lá, olhando-a dormir.

Comecei a sentir sua respiração, isso fez eu sentir mais vontade de matá-la, mas me levantei da cama e fui dormir no porão, como todo dia. Durante um mês, não conseguia dormir pensando no que podia fazer com ela, tão indefesa naquela cama. Então, subiu as escadas do porão, com todos aqueles pensamentos de como seus gritos e pedidos de socorro me fariam bem. Quando abri a porta do porão, ela estava na cozinha bebendo água, fiquei lá parado, olhando para ela, mas como as luzes estavam apagadas não dava de me ver, mas fiquei com o coração quase saindo pela boca.

Quando vinha em minha direção para pegar seu livro, que estava na mesinha do abajur, que fica do lado da porta do porão, me agoniei e fiquei desesperado. Mas consegui pegar meu celular e ligar para o dela que estava na cama. Ela voltou para atender a ligação, a porta do porão estava rangendo e quando eu fui abrir bem devagarinho para não fazer barulho, nada adiantou. Ela olhou para trás e me viu, e pá, a porta bateu e ela gritou, olhando para mim. Eu corri para fazê-la calar, mas não a alcancei de imediato.

Ela tentou correr para acender as luzes, mas eu a peguei antes a joguei no chão. Ela começou a gritar desesperadamente, eu a mandei calar, mas ela gritava, pedia por socorro com uma voz desesperada. Eu comecei a ficar desesperado porque ali onde ela morava havia muitas casas. Ela se desvencilhou e começou a tentar fugir, eu peguei um jarro de vidro, e bati fortemente em sua cabeça.

Que cheguei a duvidar de que estivesse viva. Aproveitei que ela estava inconsciente e a levei para o porão, onde estava uma jaula de vidro que eu já

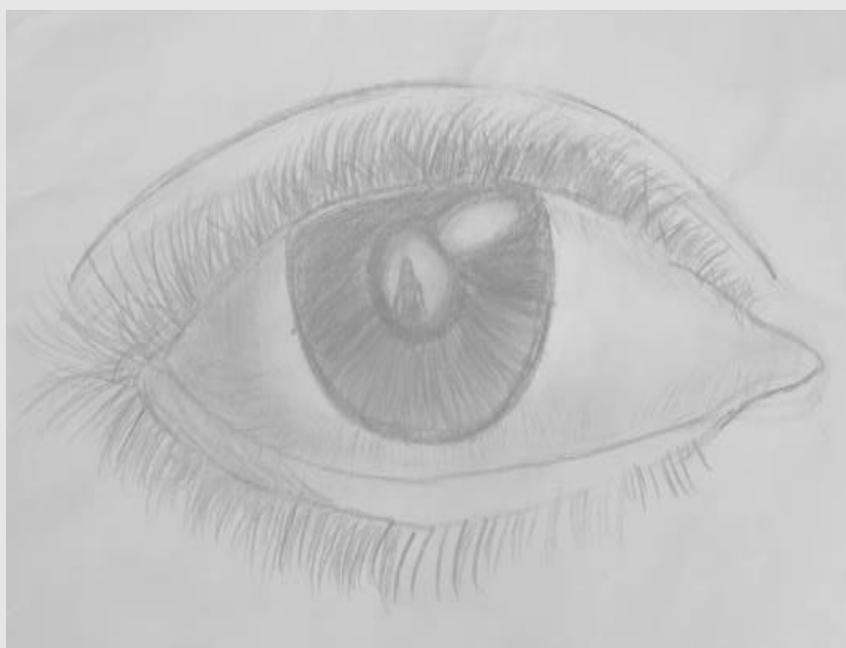
estava construindo há uma semana. A deixei e fui comprar comida para mim e para ela. Quando eu voltei, ela já estava acordada, coloquei a comida dela na jaula, mas ela não quis. Já estava amanhecendo.

Nessa manhã, ela ia sair com suas duas amigas, eu não sabia disso, fui pego de surpresa quando elas bateram na porta. Ela começou a gritar novamente e falando – Azaid, por favor, porque você está fazendo isso - suas amigas abriram a porta com a chave que ficava embaixo do tapete, do lado de fora da porta, elas entraram e viram que não tinha ninguém. Sem nem um sinal de briga, pois eu limpei tudo enquanto elas não tinham entrado, elas abriram a porta e eu me escondi muito rápido embaixo da cama porque não dava tempo de entrar no porão.

Elas não demoraram muito, foram embora minutos depois, sem suspeitar de nada. Quando eu voltei para o porão, ela estava chorando, pedindo por favor para eu não a machucar. Eu me aproximei da jaula e sorri. Já era noite, subi e fui dormir pensando no dia seguinte.

No dia seguinte desci com o café da manhã dela, e sem querer deixei a porta aberta. Ela, sem pensar duas vezes, tentou correr em direção às escadas, puxei ela pelos pés e o pior aconteceu. Ela bateu a cabeça na quina da escada do último degrau. Enquanto o corpo dela estava se dissolvendo aos poucos em um barril com soda cáustica...

Passei uma semana para abrir o barril novamente, quando abri o cheiro estava horrível e forte, sorte minha que era um lugar longe de outros lugares. Durante essa semana, os gritos dela ecoaram muito alto em meus ouvidos, já não aguentava mais. Mas ao mesmo tempo eu gostava, sentia prazer, dela pedindo socorro. Joguei os restos dela no rio que ficava ali perto.





A última casa da rua

Por Beatriz, 9º ano A

A

Acabo de chegar em minha nova casa. Olhando-a de frente, vejo que é uma casa com varanda bem antiga, e com rachaduras na parede. Resolvo entrar nela, e por dentro, percebo que não é tão diferente da entrada. A sala contém alguns móveis empoeirados, várias teias de aranha entre eles e no teto. O chão está bastante sujo, e nas paredes grandes rachaduras elaboram desenhos estranhos.

Me pergunto, por quanto tempo esta casa está abandonada desse jeito!? Resolvo explorar mais. Assim, me direcionando para o andar de cima. A cada passo, a madeira envelhecida da escada me fazia escutar barulhos estranhos, o corrimão parecia bastante velho e pequenas aranhas subiam-no e desciam com sincronia militar.

Chegando ao segundo andar da casa, encontro um corredor estreito e escuro. Nele, existem três portas, uma ao lado esquerdo, outra ao lado direito, uma ao final do corredor. Curiosa e ávida para conhecer meu novo lá, decido então entrar na primeira porta, à esquerda da parede. O cômodo possui uma cama de solteiro empoeirada, ao lado do móvel há uma pequena escrivaninha de madeira e um abajur quebrado em cima. Girando o olhar atento e desconfiado, vejo um guarda-roupa meio antigo, perto de uma janela com uma rachadura no umbral. Dou meia volta e saio do quarto, a fim de saber o que terá nas outras duas portas. Abro, com vagarosidade, a segunda porta à direita. Vejo que é apenas um quatinho pequeno, sem nenhum móvel, sem nenhuma janela. O ar do cômodo é sufocante e um cheiro mofado exala dali. Sigo em direção à última porta, que fica no final do corredor. Assim que abro, vejo um banheiro, bastante sujo e empoeirado, com teias de aranha que descem do teto até o chão a formar um estranho caminho.

Já está quase anoitecendo, então, resolvo organizar na casa, ao menos tirar um pouco da poeira para que tenho um boa noite de sono. Desço novamente as escadas e vou até a cozinha, que só agora percebi que ainda não tinha entrado, à procura de alguma coisa para ajudar na limpeza. É uma cozinha simples, apenas com uma mesa de 3 cadeiras, uma geladeira pequena, um armário pequeno, uma pia e uma portinha que leva ao quintal. Ao lado da porta, há uma vassoura tão velha quanto a casa. Ágil, passo-a pelo telhado, a fim de tirar algumas teias de aranha do teto e paredes que parecem se multiplicar. Faço isso por todo ambiente, incluindo a escada.

A noite já era presença completa, por isso, resolvo ligar algumas das lâmpadas da casa, pois ainda não havia terminado a faxina. Após duas horas de

trabalho, estou eu na varanda, colocando todo o lixo para, no dia seguinte, o caminhão levá-lo.

Porém, assim que eu estava para entrar de volta, ouço alguém me chamar. Viro-me e vejo uma senhora de meia idade perto de minha varanda, segurando sua bengala. Ela parecia estar bem confusa e assustada, então eu pergunto:

– Olá, tudo bem com a senhora? Me parece meio assustada – tento ser o mais educada possível.

– Boa noite minha jovem, desculpe-me está lhe incomodando, só gostaria de saber por que resolveu escolher justamente está casa velha para morar? Não sabe das tragédias que já aconteceram nela antes?

Confesso que fiquei bastante confusa com essas perguntas, mas resolvi respondê-la!

– Oh! Sim, sei de algumas coisas, mas precisei me mudar assim mesmo, e até agora, me parece bem tranquila e normal como uma casa comum.

A senhora pareceu pensar um pouco, mas logo disso:

– Não lhe recomendaria esta casa amaldiçoada, minha jovem, tente procurar outro lugar para morar, pois está casa é assombrada, e não é segura para uma jovem como você morar sozinha!

Eu escutava tudo atentamente, mas resolvo deixar de lado, e respondo sem muita paciência pela intromissão dela:

– Não se preocupe, estou ciente de minha escolha, qualquer coisa que acontece peço ajudar.

– Bem, só lhe dou um conselho: saia dessa casa o mais rápido possível.

Assim que a senhora termina de falar e sai andando segurando na sua bengala, eu a respondo um pouco alto para que ela possa ouvir:

– Tenha um boa noite, senhora!

Assim, entro na casa e fecho bem a porta, mas acabo por lembrar que não comprei nada para comer. Estou faminta. Resolvo ir comprar alguma coisa no mercadinho do início da rua. Subo as escadas para tomar um banho, pois estou muito suada do trabalho.

Meia hora depois, já estou vestindo uma calça meio folgada, e uma camiseta. Desço as escadas e ando até a cozinha, deixando ligada minha geladeira. Novamente me direciono à porta, certificando-me de que a tranquei bem.

Começo a andar pela rua. O mercadinho ficar um pouco longe já que moro na última casa da rua. Vou andando quando escuto alguém me chamar. Mas não consigo ver nada e nem ninguém, apenas o deserto total e escuro da rua. Com medo, resolvo apressar meus passos para chegar logo, mas continuo com uma sensação estranha que não sei explicar.

Chego ao mercadinho da esquina e abro a porta de vidro. Assim que termino de pegar tudo que preciso, vou ao caixa pagar onde está um homem alto, de cabelo ruivo como o meu. Ele parecia está me analisando desde que entrei pela porta.

Já na porta de minha casa, sinto um frio gelado bater contra minha nuca, que me arrepiou dos pés à cabeça. Olho uma última vez para a rua e entro em minha casa, fechando bem a porta. Ando até a cozinha e deixo as compras em cima da mesa. Volto para sala e me sento no sofá, e começo a comer o lanche que trouxe. Ouço alguém bater em minha porta, levanto e olho pela janela, antes de fazer qualquer coisa, mas não vejo ninguém. Ainda olhando pelas frestas da janela, consigo sentir o mesmo vento gelado bater contra minha nuca.

Não vendo ninguém, resolvo puxar o pequeno pano que coloquei na janela cobrindo-a. Sento de novo em meu sofá, continuando a comer. De repente, vejo uma sombra perto da entrada da cozinha, sinto minha respiração pesar um pouco. Aquela sombra parecia olhar para mim, me analisando, corro e ligo a luz da sala e a sombra desaparece. Isso mexeu realmente comigo, e lembro de minha conversa mais cedo com a senhora.

Pensativa e cansada, resolvo ir dormir, mas continuo sentindo uma sensação meio estranha. Entro no quarto e ligo a luz, deito e fecho os olhos, mas o sono não chega. Abro os olhos e vou apagar as luzes do quarto, pode ser a claridade que não me deixa dormir. Deito-me em minha cama de novo, mas dessa vez, meus olhos são direcionados à porta, onde consigo ver uma pequena sombra como se tivesse alguém atrás dela. Fico em alerta a qualquer coisa, quando escuto um barulho no telhado. No princípio, achei que estivesse chovendo, mas quando olho pela janela, não são gotas de água que caem do céu.

De repente, um pedaço do telhado se quebra e uma pedra cai me assustando. Eu ainda consigo ver a sombra de alguém atrás da porta. Estou desesperada com tudo isso, levanto-me da cama e procuro por algo para me proteger. Pego um pedaço de ripar que estava ao lado do guarda-roupa e abro a porta, mas não tem ninguém ali. Resolvo descer as escadas e vejo uma sombra correr para a cozinha. Continuo descendo as escadas, mas agora indo para a cozinha, chegando lá não encontro ninguém. Abro a porta do armário e, assim que fecho por não encontrar nada lá, me arrepio e sinto algo me olhando. Viro-me e me deparo com uma figura horrível.

Vejo o mesmo homem do mercadinho. Mas agora seu rosto parece bastante deformado. Ele está com cortes por todos os lugares, e seu pescoço parece estar costurado ao corpo. Seus olhos estão fundos e pretos, nas suas mãos há garras afiadas.

Estou horrorizada e amedrontada, minha respiração está bastante acelerada. Ele começa vim até mim e eu recuo, mas sou pega pelos cabelos e jogada ao chão. Escuto sua voz grave e grossa que me diz: “- Você não irá escapar de mim, será mais uma de minhas vítimas”. Um corte e desferido em meu braço e grito de dor. Seguro bem a ripa em minhas mãos e bato bem forte em sua cabeça. Levanto-me do chão e passo por ele correndo até a porta de entrada. Giro as chaves que estavam nela, mas antes de puxar, o monstro me levanta pelo pescoço. Minha respiração começa a falhar um pouco, mas consigo me soltar, dando um chute no estômago dele. Abro a porta e saio da casa. A porta se fechar atrás de mim, fazendo um barulho alto. Sinto um arrepio, viro para correr, mas me deparo com a senhora que falou comigo. Quase caio para trás por causa do susto que tomei. Ela ainda tem o olhar assustada.

- Eu lhe avisei, mandei você ir embora Sophia.

Como ela sabia meu nome, foi o que pensei...

- Quem é você afinal? E como sabe meu nome? – tive coragem de perguntar finalmente.

-Eu sou Eugênia, a antiga moradora dessa casa. Mas ele conseguiu me pegar, e vai pegar você também se não for embora. Porém, antes, queime essa casa.

Estou assustada com tudo isso. Eugênia começa a andar, mas a cada passo que ela dá, seu corpo vai sumindo aos poucos. Então, eu me dou conta de que ainda estou na frente desta casa. Quando ouço um barulho na porta, volto a correr, passando por Eugênia que está sumindo com a neblina que surgiu sem nem eu perceber estranhamente. Continuo correndo, chego a um posto de gasolina. Não tem ninguém aqui, então, pego um bujão que encontrei com facilidade. Também não sei explicar, mas vejo uma caixa de fósforo como se tivesse sido propositalmente deixada ali. Pego tudo e corro de volta para a casa. Chegando, começo a derramar toda a gasolina em voltar da casa. Irei queimá-la. Assim que termino de derramar toda gasolina, pego a caixa de fósforo, e risco um palito. Vendo o fogo nele, jogo na gasolina, o incêndio se espalhar muito rápido. Eu me afasto da casa e escuto gritos por dentro da casa. Não parecia serem gritos humanos. Afasto-me mais um pouco da casa, quando vejo a explosão. Escuto sirenes de carros e me escondo atrás de duas árvores. Vejo uma multidão de curiosos. Os bombeiros começam a apagar o fogo, mas ela está queimada.

Começo a me afastar daquilo tudo. Meu braço ainda está sangrando pelo machucado que levei, corto um pedaço de minha blusa e amarro ao redor do corte, que para de sangrar. “Mas e agora, para onde vou”, penso. “Tenho que sair dessa cidade, e repensar em morar outra vez em uma casa que fique no final da rua” concluo... e recomeço.



A boneca amaldiçoada

Por Leanderson, 9º ano B

Sempre fui uma criança diferente. Sempre gostei de brincar em lugares nos

quais muitos não iriam sem um bom motivo. Um dos meus lugares favoritos era o cemitério abandonado que ficava um pouco afastado da minha casa. E foi lá que aconteceu o que vou contar.

Certa vez, eu estava brincando como sempre fazia quando encontrei uma boneca antiga. Dessas bonecas que não se encontrava mais para comprar. Resolvi levá-la para casa e esqueci dela no quarto do meu quarto.

À noite, quando me preparava para deitar, pensei ter visto algo mexer, mas estava um pouco escuro, não vi nada. Deitei-me e logo dormi, pois estava cansada do passeio da escola. Tive um sonho estranho e lembrei que a boneca era minha e foi presente do avô, que eu julgava ter perdido há muito tempo.

Fui acordada à meia noite por um suspiro muito forte, que parecia está muito perto dos meus ouvidos. Um medo correu no meu corpo inteiro. Novamente, algo se mexeu muito rapidamente perto da minha cama... eu não estava sozinha ali.

Fiquei paralisado com a assombração que vi. A boneca... ela caminhava e corria e suspirava e me olhava contorcendo o pescoço. Ela era amaldiçoada, tinha os olhos vazados e macabros. Então lembrei: meu avô me dera aquela boneca e ele sabia que não era qualquer boneca.

À medida que o tempo passava, ela se tornava mais sinistra, aparecendo em lugares diferentes da casa. Sua risada ecoava pelos corredores, me deixando aterrorizada.

Percebi que a boneca era possuída por alguma coisa maligna, que poderia estar ligada ao cemitério. “Mas o que seria” – pensava eu, tomada de pavor.

Resolvi enfrentar meus medos e devolvê-la no lugar onde a havia encontrado para que a maldição fosse quebrada. Contei tudo ao meu avô Joaquim, que me ajudou na missão.

Adentramos no cemitério era meia-noite. Sombras estranhas faziam aumentar nosso medo. Finalmente, encontramos o túmulo de onde retirei a boneca. Com uma oração poderosa, conseguimos libertar o espírito e livrar-nos da maldição. Desde então, nunca mais tive coragem de brincar com bonecas.

Acampamento maldito

Por Gabriela Costa, 9º ano A



N

ninguém acredita na minha história por ser impossível de ter

acontecido, ao menos para alguns céticos. Mas não os condeno, eu também duvidaria.

Na época, eu tinha 16 anos e estava indo para uma viagem escolar de acampamento. Estava muito feliz, já que amava animais e plantas. Além disso, eu ainda poderia mais tempo com minhas amigas Júlia e Amanda, e com Miguel, meu amigo. Só estava um pouco triste porque deixaria minha mãe sozinha. Embora ela tendo dito para que não me preocupasse que ficaria bem.

Era uma manhã de quinta-feira, quando eu teria que ir até a escola para pegar o ônibus escolar. Cheguei e já fui encontrar meus amigos. A alegria era geral em nós. Entramos no ônibus e seguimos.

A viagem foi um pouco longa, já que o acampamento ficava muito distante da cidade. Chegando lá, percebemos que o espaço era muito grande, cercado de longas e variadas árvores, de todos os tamanhos. Havia muitas cabanas, feitas caprichosamente de madeira que combinavam com o lugar. Um senhor pediu-nos que fizéssemos pequenos grupos, com até três pessoas. Claro que o meu grupo ficamos Júlia, Amanda e eu. Nós recebemos a chave com o número 13 escrito nela. Percebemos que todas elas tinham um número de identificação. Pegamos a nossa chave e fomos procurar a correspondente. Vimos que ela ficava muito distante das demais, bem próximo de grandes árvores.

Ao entrar, percebi que era maior do que aparentava, tinha uma sala bem grande, com decoração antiga. Na parede de frente, há uma porta e por trás dela, uma escada que levava até o quarto que iríamos dividir. Ele era do tamanho da sala e tinha uma janela que permitia uma visão panorâmica do acampamento.

Nós já tínhamos terminado de arrumar nossas coisas quando alguém bate na porta. Descemos para ver quem era. Uma moça da organização do acampamento tinha vindo avisar que o almoço estava pronto, ou era um lanche... não lembro ao certo. Seguimos a moça até o refeitório. O espaço tinha muitas mesas com bastante organização. Nós escolhemos uma e sentamos. No meio do barulho, ouvi alguém me chamando. Era Miguel, vindo alegremente em nossa direção e se junta a nós para almoçarmos todos.

Terminada a refeição, caminhamos até o centro do acampamento, onde havia bancos dispersos em semicírculo para que todos sentassem. O homem que era responsável pelo local começou a explicar algumas regras sobre o lugar. Dessas



normas, foi a proibição de ida ao lago por motivos de segurança, como alertou o homem, que mais nos interessou. Quando ele terminou de dizer todo o funcionamento do acampamento, fomos fazer uma trilha. Estávamos muito curiosos para saber o porquê de ser proibido ir ao lago. Miguel resolveu perguntar as razões dessa regra. E ouvimos a história.

Havia um tempo que algo sinistro aconteceu ali. Uma garota foi morta e jogada dentro do lago. Ela estava de férias no mesmo acampamento e dormia justo na cabana 13. “*Era muita coincidência*”, pensei! Mas não fiquei preocupada, pois achei que aquilo poderia acontecer com qualquer um. Inclusive, qualquer um também poderia ter ficado com essas cabanas. Desde que a garota foi morta, tem a história de que ela assombra o lugar, ou seja, essa parte do lago onde seu corpo foi encontrado.

Não acreditamos em nada dessa história maluca que ele contou. Talvez o responsável só quisesse um jeito de nos fazer ficar longe do lago.

Terminamos a trilha muito cansados e no final da tarde. Fomos para a cabana nos preparar para o jantar, que foi servido no mesmo lugar. A conversa foi menor, pois estávamos exaustos do passeio. Logo, cada um buscou seu quarto para dormir. Nós também seguimos para a canana 13.

Deitei-me e o sono não demorou. Entretanto, quando eu já estava quase dormindo, fui despertada por alguém batendo na porta. Ignorei, mas quer que estivesse do outro lado não desistiu e continuava a bater. Então, fui abrir, mas não tinha ninguém. Voltei para a cama, chateada de ter levantado por nada. Outra vez ouço as batidas na porta, dessa vez mais forte. Júlia e Amanda, que dormiam profundamente, também foram acordadas pelo som das pancadas. Novamente, desci e abri a porta. Era Miguel do outro lado. Suspirei de alívio, pois estava começando a pensar na história da tal menina do lago.

Miguel gostava de aventura. Ele veio nos chamar para ir a uma reunião que aconteceria próximo ao lago. Lá onde era proibido ir pelas regras do acampamento. Mas, para adolescente, regras existem para serem quebradas.

No começo, recusei-me. Mas diante da insistência deles – Júlia e Amanda já estavam decididas a irem – eu resolvo aceitar essa péssima ideia. Assim que chegamos, encontramos um grupo de estudantes conversando e bebendo juntos e, obviamente, nos juntamos a eles no que estavam fazendo.

Já havia passado muito tempo, era quase meia noite. Eu não estava me sentindo muito bem, não sei se por causa da bebida – eu nunca tinha bebido – ou se era aquele lugar que ficava sinistro à medida que o tempo passava. Era como se alguém estivesse nos observando, mas ignorei essa sensação.

Já estávamos nos arrumando, juntando as coisas espalhadas para voltarmos ao acampamento quando uma garota começa a dizer pelo namorado que havia sumido. E todos nos juntamos para procurar. A busca durou muito tempo, mas não o encontramos e tivemos que falar para o responsável do acampamento. A polícia foi chamada e acabou-se com a viagem.

Nos dirigimos para o ônibus e seguimos em nossa viagem, retornando para casa. Mas a volta parecia demorar muito mais do que a ida. Talvez por estarmos assustados e nervosos, os minutos pareciam eternidade. De repente, ouço um barulho enorme, recebo uma pancada na cabeça e perco a consciência.

Quando acordei, estava em um lugar muito escuro, jogada no chão, com minha roupa cheia de sangue. Olhei em volta, ainda confusa, e vi minhas amigas e todos do ônibus estendidos no chão, sem vida. E um medo inexplicável e incontrolável percorreu todo o meu corpo, que caí. Tentei levantar novamente e senti a dor dos ferimentos, que eram muitos e profundos. Avistei uma porta para onde fui com todas as forças que já não tinha. Arrastando-me consegui chegar e abrir à porta. Percebi essa porta me levava para a mesma da cabana 13 de onde tínhamos ido embora.

Desci lentamente os degraus e consegui chegar até à sala. Olhei pela janela e vi, juro que vi, uma silhueta de costas para mim. Fiquei esperançosa de que alguém iria me ajudar. Mas, do jeito que surgiu, a esperança desapareceu no mesmo instante que a figura virou de frente para mim. Ela estava segurando o machado e tinha um sorriso misterioso e traquino. Até o momento, eu tinha chegado a pensar que poderia ser a tal da história. Mas não... era mil vezes pior. À medida que se aproximava de mim, a figura aumentava seu tamanho. Tinha 2 metros de altura, com o rosto completamente deformado e vinha em minha direção.

Eu não esperei, rapidamente corri e fechei a porta. Subi correndo as escadas, ouvindo batidas na porta como se estivessem tentando derrubá-la e que não demorariam a conseguir. Eu precisava fazer alguma coisa e rápido. No quarto só havia os corpos e uma janela. É para a janela que me dirijo, de onde penso em pular. Porém, é muito alta, iria ficar mais machucada ou mesmo morta se pulasse. Mas não havia opções: pular e ver o que iria dar ou ficar e acabar morta pelo monstro.

Não pensei mais, simplesmente pulei. Senti o impacto do meu corpo no encontro com o chão. Nessa altura, o assassino já havia entrado na casa e estava me olhando do alto da janela. Rapidamente, levanto-me, correndo sem direção,

apenas corro desesperada, tentando salvar minha vida. Não estava mais sentindo meu próprio corpo por causa do calor do momento.

Estava escuro quando, no final do matagal enxerguei uma luz. No começo, eu não sabia o que era, mas quando fui chegando mais perto, percebi que era a lâmpada de poste, sinal de que haveria uma estrada. Comecei a ouvir passos atrás de mim. A adrenalina em meu corpo só aumentava. Os espinhos das arvores arranhavam meu rosto na medida em que eu corria rápido, até que cheguei na estrada.

Saindo da mata, continuo correndo para o meio da estrada, mas alguma coisa acertou o meu pé, que me fez cair e gemer de dor. Uma dor imensa que se espalhou por todo o corpo... algo estranho e terrível de suportar. Tentei arrastar-me para chegar ao outro lado da estrada. Já não conseguia ouvir nem falar nada, quando vi uma luz muito forte vindo na pista. Era um carro. Ele parou e me ajudou.

Apesar da minha condição mental e física de exaustão total, achei estranho aquilo, pois havia um assassino atrás de mim. Eu estava caída, de bruços. Quando virei para olhar, não tinha mais ninguém ali. Não agüentei mais a dor e, novamente, perdi a consciência.

Acordei no hospital, atordoada e muito preocupada em como eu havia ido parar naquele lugar que só depois reconheci como sendo um hospital. Quando perceberam que eu havia acordado, vieram todos ao meu encontro. Minha mãe já estava comigo, tentando me acalmar.

Perguntei aos policiais o que tinha acontecido e eles explicaram que haviam me encontrado desmaiada ao lado do ônibus escolar, que havia capotado na estrada. Mas eu não lembrava de nada disso. Expliquei o que tinha acontecido, mas eles não acreditaram em mim, nem minha mãe. Os médicos explicaram que tudo aquilo poderia ser fruto de delírio, pois tive muitas fraturas na cabeça, além da bebida alcoólica que eu havia ingerido. E você, caro leitor, acredita na minha história?

O mistério continua

Por Ítalo Silva, 9º ano B

Hoje iremos falar sobre um ocorrido nada agradável que aconteceu com Hugo, um jovem muito medroso, mas que tinha uma imaginação muito fértil.

Ele morava com os pais numa casa grande e de aspecto envelhecido, mas passava a maior parte do dia sozinho, pois seus pais trabalhavam muito e passavam bastante tempo longe.

Um belo dia, que aparentava ser apenas mais um dia normal, mas não era, Hugo estava assistindo televisão quando, de repente, sem mais nem menos, a lixeira que estava do lado de fora da casa começa a fazer um barulho muito esquisito e alto.

Apesar de Hugo ser muito medroso, ele era igualmente curioso. E ficou dividido psicologicamente. Uma parte queria ir ver o que estava acontecendo no quintal e a outra queria apenas se esconder num lugar seguro até seus pais chegarem.

A primeira ação foi a escolhida. Ele levantou-se devagar e sem pressa com passos leves e silenciosos. Em sua mente passavam um enorme número de pensamentos, cada uma mais convincente do que o outro. Por um lado, poderia ser um monstro macabro, daqueles que via nos filmes que assistia, mesmo trêmulo de medo; por outro lado, um assassino sanguinário o fazia se desesperar.

Entretanto, o barulho continuava no quintal, cada vez mais forte, cada vez mais perto...Ele suava frio, como se estivesse no meio do gelo, arrepiado e apreensivo. Até que chegou perto da porta da cozinha, que dava no quintal. Ainda em movimentos leves, ele pegou na maçaneta da porta que fez um ruído baixo. O barulho continuava no quintal. Hugo estava com uma mão na maçaneta e a outra ao alcance da faca que estava na pia... coração quase saindo pela boca. O barulho ainda mais alto.

Mas nunca saberemos o que, afinal, estava do lado de fora, pois decidiu que seria mais inteligente sobreviver para contar a história. Vai que...



A rosa da morte

Por Melissa Gabrielly, 9º ano B

N

o ano de 1945, em um pequena cidade, viviam poucos moradores

que, mesmo não gostando do lugar, não conseguiam por algum motivo ir embora dela.

Lá também vivia uma viúva, mais ou menos de 39 anos, que a chamavam de Ana. Ela morava com sua única filha, Gaby, que tinha 9 anos. Gaby era apaixonada pelo seu gatinho gordinho e muito preto.

Ana era muito estranha e parecia esconder algum segredo de sua filha, que era muito gentil e amorosa.

Em uma manhã, como todas as outras, Gaby se põe a brincar com seu gatinho. Depois, sem que a mãe visse, pegou seu casaco, pois fazia frio e aquele lugar era especialmente frio e úmido, e saiu para andar. No passeio, ela passou na frente de um cemitério que lhe chamou muito atenção. Era de se estranhar aquela visão que Ana teve.

Gaby viu que havia um jardim exuberante, que fascinava e, ao mesmo tempo, intrigava os que chegasse recentemente na cidade. Ocorre que todas as flores do jardim eram azuis, menos uma, que era uma rosa vermelha... estranhamente linda, perfumada e macia. A menina ficou encantada com aquelas flores todas e decidiu entrar para colher alguma para levar para a mãe.

O dia passou muito rápido e Gaby não voltou para casa. Sua mãe estava desesperada e arrasada de tristeza. Saiu a procura da filha, sentindo-se culpada de não ter revelado algo importante para a menina, pois assim teria evitado o pior, que ela sabia ter acontecido.

A noite já ia bem adiantada, Ana, temendo o pior, foi ao cemitério parecendo já saber a resposta que teria. Ao chegar, sentiu um calafrio que percorreu seu corpo inteiro. O cheiro da rosa parecia exalar mais forte... e uma lágrima molhava rosto e o coração aflito.

Com passos leves e amorosos, Ana se aproxima de um pequeno pé de rosa azul, olhando-o maternalmente, tomada de tristeza e amor, e cai num choro compulsivo e contando o segredo há muito escondido.

E então ficamos sabendo que, naquela cidade, havia uma maldição antiga, que fazia com que seus moradores nunca saíssem de lá. A cada 9 anos, uma criança desaparecia no cemitério e uma roseira azul aparecia misteriosamente. E toda vez, a rosa vermelha ficava mais linda, viçosa e perfumada.

Isso porque aquela rosa vermelha seria o espírito de uma criança que, há muito tempo, fora morta com sua família pelos moradores da cidade, que considerava que todos eles eram bruxos. E antes de morrerem, eles amaldiçoaram e a cada 9 anos, uma criança era transformada em uma roseira azul para dá vida àquela rosa vermelha, onde o espírito da menina estaria.

Carregada de tristeza, Ana vai ao cemitério todos os dias, regar aquela rosa pelo resto da vida... ela e muitos outros moradores.

A grayscale photograph of a misty forest. Tall, thin trees with bare branches stand in a line, creating a sense of depth. The ground is covered in low-lying vegetation and ferns. The overall atmosphere is ethereal and quiet.

A floresta infinita

Por Anderson Melo, 8º ano C

Em um acampamento bem distante da civilização, três crianças e seu

guia procuraram um lugar bom, mas assustador para acampar. Chegando ao local ideal, eles perceberam um pequeno vilarejo em que parece não existir sol, mesmo eles sabendo que era dia. Fizeram a barraca ali mesmo e esperaram escurecer mais, com a noite.

Carlos, era assim que se chamava o guia das crianças, era um adulto quase idoso, que sabia muitas histórias e gostava de contá-las. Para distrair os pequenos aventureiros, ele perguntou:

– Querem ouvir uma história de assombração sobre esse lugar?

O alvoroço foi geral, óbvio que eles aceitaram a proposta aventureira. Foi então que Carlos começou a narrar:

– Bem...reza a lenda que os poucos aldeões que residiam aqui abandonaram o vilarejo por causa de uma criatura desconhecida e misteriosa que, em noites de lua cheia, aparecia em redor da comunidade. Essa aparição fazia barulho enorme, soltando uivos terríveis.

O homem foi interrompido abruptamente por uma das crianças, resmungou mal educadamente:

– Ah, deixa de mentira! Isso não existe.

Carlos ficou indignado com a má criação do garoto, mas apenas olhava-o com olhar de repreensão e disse:

– Tudo bem, crianças, chega de histórias. Vamos para a barraca, pois já é tarde.

Sob protesto, pois queriam saber o resto da história, as crianças foram para a barraca, menos uma delas, a que não acreditava nas histórias de Carlos, que forçou a ordem dizendo:

– Vamos, não é bom ficar sozinho aqui fora.

Mas o menino olhava fixamente para a floresta que parecia não ter fim. Ela era densa, com árvores muito altas. Como começara um vento forte, as folhagens pareciam dançar.

Com a insistência de Carlos, o garotinho se convenceu e foi para a barraca. Durante a noite, um barulho incomum acordou o menino. Acordado, ele conseguiu perceber bem. Era uma voz suave que falava qualquer coisa indefinida. Ele levanta-se e vai andando com passos lentos no sentido da floresta, que agora aparenta ser mais densa e escura.

O garotinho entra na mata, ultrapassando uma espécie de portal misterioso que o faz tremer de corpo inteiro. Nesse momento, muito assustado e arrependido, o menino tenta fazer o caminho de volta, mas não consegue, pois não existe nada além das árvores. Tudo parece ter desaparecido, a barraca, o acampamento, os amigos...tudo, absolutamente tudo!

A voz suave e delicada que ele ouviu e seguiu, de repente, recomeçou estridentemente. Agora era uma risada que ecoava por entre as árvores e tilintava nos caules mais grossos. Mas dessa vez, era uma voz macabra e assustadora. O garoto começou a correr desesperado, tentando sair dali... seus pés faziam aumentar o barulho, pois seus passos firmes pisavam a folhagem seca que pareciam gemer. Ele só queria fugir daquelas vozes, pois não havia ninguém aparentemente. Porém, seus esforços foram em vão. Ele estava preso naquela floresta infinita, não havia saída.

Depois do ocorrido, reza a lenda, toda noite, ouvem-se gritos agonizantes de criança daquele lugar... uma voz que mistura tristeza, desespero e pavor.

